



**CÂMARA MUNICIPAL DE  
SÃO PAULO**

**SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR**  
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

**COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E LEGISLAÇÃO  
PARTICIPATIVA**

**PRESIDENTE: PROFESSOR TONINHO VESPOLI**

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA.

LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo

DATA: 20/08/2021

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Orador não identificado

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Boa tarde a todos e todos.

Declaro abertos os trabalhos da 13ª Audiência Pública que a Comissão de Constituição, Justiça e de Participação Legislativa realiza neste ano de 2021.

Informo que esta audiência pública está sendo transmitida no *site* no canal do YouTube da Câmara Municipal de São Paulo e que a realização desta audiência pública vem sendo divulgada no *Diário Oficial da Cidade* desde 17 de agosto.

Esta audiência pública foi convocada para discutir o projeto de construção de habitação popular no local onde está implantada a Horta das Flores, conforme o Requerimento CCJ 10/2021, de autoria do Vereador Professor Toninho Vespoli, aprovada na reunião ordinária da Comissão em 11 de agosto de 2021.

Tenho em mãos a lista de convidados que vou chamar, depois, pela ordem de fala.

Sou o Vereador Toninho Vespoli, vou presidir esta sessão e quero dizer que acabei convocando esta audiência por algumas questões e vou contar esse histórico, rapidinho.

Em 2004, foi constituída uma horta no Programa de Agricultura do próprio Município de São Paulo, que terminou em 2008. Em 2008, foi constituída a Praça Alfredo Di Cunto. Em 2008 também houve um novo programa, a Escola Estufa Lucy Montoro, um programa municipal que se encerrou em 2015. Em 2015, o Movimento Popular Horta das Flores assumiu a gestão da horta, com trabalhos voluntários para sua manutenção. Ali também há um viveiro com 1,5 mil mudas de árvores nativas, que são mudas constituídas anualmente.

A praça tem em torno de 200 árvores catalogadas que são nativas ou exóticas. A Prefeitura alega que tem em torno de 60 árvores, mas, segundo o Movimento Popular são 200, todas elas catalogadas, inclusive com QR Code.

Em 2017, a Prefeitura inclui a praça numa PPP de habitação para construção de casas populares. E eu quero deixar aqui, já, de pronto, que nosso mandato é a favor das casas populares, até porque há um grande *deficit* habitacional na cidade de São Paulo, então, não estamos, de forma alguma, com intenção de que não tenham as casas habitacionais, ao contrário, queremos ter, o que estamos questionando um pouco é o local que poderíamos

discutir que fosse em outra área.

Continuando o histórico, a sociedade civil representou a Prefeitura no MP e também fez um abaixo-assinado que contou com mais de 6 mil assinaturas. A Prefeitura, segundo ela, se compromete a deixar 60% da área verde da praça. Os outros 40% seriam por uma compensação ambiental na própria região, no próprio bairro, só que a Prefeitura não apresentou, nem para a sociedade, nem para o MP, o projeto executivo e nenhuma proposta de compensação. Ou seja, a sociedade, e o próprio MP, estão alijados de qualquer informação.

É um pouco isso e gostaria, agora, de chamar os convidados para se pronunciarem. Primeiro, quero chamar a Maria Regina Grilli. Vou deixar o Poder Executivo falar depois da sociedade civil, até porque daí já teremos um pouco o parâmetro para o debate e, assim, o Executivo pode se pronunciar conforme a fala dos cidadãos.

Por favor, Maria Regina Grilli.

**A SRA. MARIA REGINA GRILLI** – Boa tarde. Obrigado pelo convite e pela participação de todos para que possamos discutir esse assunto tão importante.

Vou dar um apoio sobre as ODS, porque o José Luiz Fazzio, que será o próximo a falar, ele deve fazer um relatório mais detalhado.

Quero mencionar a importância do lugar sobre os Objetivos de Desenvolvimento Social da ONU da Agenda 2030. Como o Vereador Vespoli já falou um pouco do histórico do lugar, lá, todos os objetivos de desenvolvimento social são muito importantes e a própria ONU colocou na Agenda 2030 que todos devem conhecer e, por isso, não entrar em detalhes.

Mas, é só para dizer quais os ODS 2 que a Horta das Flores atende: ODS 2, que é de Agricultura Sustentável; ODS 4, que é de Educação, porque temos dentro da horta vários projetos de Educação, aliás vamos ter a participação de uma das professoras, hoje, que vai detalhar mais isso; ODS 11, que é das Cidades e Comunidades Sustentáveis, e que ela também compartilha desses ODSs; o ODS 12, que é de Gestão Sustentável e Recursos Naturais, e a nossa existência no espaço também tem esse objetivo.

E atende ainda o Objetivo 13 que é o das Mudanças Climáticas. A Mooca, como

está relatado, é um dos bairros mais áridos da Cidade, onde há o índice mais alto de doenças respiratórias, além de ser o bairro que tem menor área verde, de vegetação e de cobertura verde, por isso, é um importante ODS que nós também atendemos.

As nossas atividades lá estimulam e incentivam a parte social, física e intelectual de toda a comunidade que participa de nossas atividades. Então, nós recebemos idosos que agora, no período da pandemia, passaram por depressão e estão indo lá para poder aliviar esse estresse que foi causado pela pandemia; recebemos estudantes antes do período da pandemia. Enfim, essa é a minha parte. Acho que vou ficar mais sucinta porque sei que têm outras questões aqui.

Muito obrigada.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Obrigado, Maria. O próximo é o José Luiz Fazzio.

**O SR. JOSÉ LUIZ FAZZIO** – Boa tarde. Cumprimento a todos. Agradeço, desde já, a oportunidade de participação da sociedade nesta Câmara.

A Horta das Flores foi implantada pela Prefeitura no final de 2004, com o surgimento da Proaurp – Programa de Agricultura Urbana e Periurbana da Cidade de São Paulo -, Lei 13.727/04.

Durante anos a Horta compôs o Proaurp, envolvendo famílias em vulnerabilidade social na produção de alimentos e geração de renda por meio da comercialização de hortaliças.

Depois disso, o local foi estruturado como a Praça Alfredo Di Cunto e teve uma estufa implantada em 2008, com o Programa Escola Estufa Lucy Montoro, onde foram desenvolvidos cursos gratuitos de horticultura orgânica para toda a população. Com o fim do programa, a praça foi mantida de forma precarizada por um zelador de praça, até que, em 2015, um grupo de moradores começou a atuar na praça para iniciar uma ocupação comunitária. Foi aí que surgiu o coletivo Horta das Flores que se mantém até hoje realizando mutirões mensais, oficinas e eventos totalmente gratuitos e atividades sobre meio ambiente,

segurança alimentar e nutricional, agroecologia e educação ambiental, tornando-se uma referência de horta comunitária no município de São Paulo.

O coletivo Horta das Flores, que desenvolve atividades na praça desde 2015, não participou de nenhuma consulta sobre o referido processo da PPP e tampouco foi informado sobre a concessão da área, tomando conhecimento apenas no final de 2019, quando a construtora chegou no local sem comunicado prévio.

Hoje, a Praça Alfredo Di Cunto tem cultivo agroecológico, pomar, composteira, Jardim do Cerrado, Jardim de Bromélias, viveiro de mudas nativas, ervanário e orquidário cuidado por cidadãos. O espaço também é utilizado por alunos dos cursos de graduação na área de Biologia, Botânica, Nutrição e orientação de mestrado.

Os trabalhos de cultivo e manutenção são feitos por voluntários em mutirões sempre no primeiro domingo de cada mês e em ações de manutenção semanal, promovendo atividades comunitárias na praça aberta à população e estimulando os moradores do entorno e de outras regiões a usufruírem do espaço. Além da horta, no viveiro já são produzidas cerca de 30 mil mudas de árvores nativas da Mata Atlântica, destinadas a plantios voluntários que estão sendo realizados pela cidade. Na Praça, existem implantadas mais de 200 árvores catalogadas com tecnologia de QR Code.

A presença de árvores, no meio urbano, desempenha um nobre papel tais como a melhoria na qualidade do ar, a redução de dióxido de carbono atmosférico e a melhoria da saúde física e mental da população urbana, entre outros.

Dessa forma, acreditamos que a Praça Alfredo Di Cunto possui uma finalidade socioambiental importante para o bairro da Mooca, conhecido como um dos bairros de São Paulo com menor índice de cobertura verde por habitante e alto índice de doenças respiratórias. Além de serviços ambientais prestados por ser uma área verde de cerca de 7 mil metros quadrados, a praça se destaca pelas atividades socioambientais que são promovidas voluntariamente pela própria população, tornando-se um importante equipamento público que se mantém em atividade graças à parceria entre Poder Público, por meio das suas políticas

públicas como Proaurp e o Programa Escola Estufa e a população paulistana.

A Horta das Flores e todas as estruturadas da Praça Alfredo Di Cunto devem permanecer no espaço e receber apoio para ampliar ainda mais as atividades realizadas. Acreditamos que a Prefeitura Municipal com a Cohab dispõem de outros terrenos ociosos e inutilizados que poderiam cumprir os objetivos de moradia popular sem obstruir as funções socioambientais dos territórios que estão ativos e promovendo educação ambiental para a população da cidade.

Assim, nós abaixo assinados, defendemos a permanência da Horta das Flores e todas as estruturadas da Praça Alfredo Di Cunto no terreno, sem diminuição de sua área, sem alteração na forma como é gerida e com a valorização das atividades desenvolvidas.

Finalizando, eu gostaria de deixar claro que qualquer pessoa que falar aqui hoje ser contra moradias populares na Mooca ou qualquer tipo de discriminação a novos moradores do nosso bairro, não faz parte do Coletivo Horta das Flores, que luta exclusivamente pela questão da preservação do verde e hoje está focado totalmente em evitar a destruição desse projeto de vital importância para a Mooca e para toda a cidade de São Paulo, a Horta das Flores, por favor, salve.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Obrigado, José. Convido a fazer uso da palavra o Promotor de Justiça Geraldo Rangel de França.

**O SR. GERALDO RANGEL DE FRANÇA** – Boa tarde a todos. Ingressei com uma ação pedindo que se reconhecesse o valor ambiental da Praça Alfredo Di Cunto e houve inicialmente uma liminar para suspender. A liminar não foi decorrente da questão da praça, foi decorrente da necessidade de se instruir o inquérito civil com novos documentos, porque a ação que propus ainda tem de ser aditada.

Mas estou analisando a documentação encaminhada pela Prefeitura e pela construtora, inclusive, em termos de alternativa locacional para efeito de se fazer a construção das habitações populares. A nossa ideia é que se reconheça mesmo o valor ambiental dessa

Praça e as práticas que vêm sendo feitas pela comunidade ali no local.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Muito obrigado, Promotor. O que o Promotor fala é muito importante porque, inclusive, estivemos na Mooca, perto da Vila Formosa, na Praça Mauro Broco, onde já perdemos quase duas centenas de árvores por causa do Metrô. Também queremos o Metrô para lá, que suba e faça a interligação da linha verde com a linha vermelha, mas temos aquela região como uma das áreas mais quentes da cidade de São Paulo pela falta de verde. E no caso dessa Praça especificamente, onde está a Horta das Flores, é praticamente o pulmão da Mooca.

Por isso estamos tentando, a ideia da discussão não é impedir nada de construção, mas que tentássemos chegar num ponto comum, num equilíbrio para conseguir fazer a PPP, mas também conseguir manter o pulmão da Mooca. Então é muito importante a fala do Promotor Geraldo Rangel.

Registro a presença dos Vereadores Faria de Sá e Gilberto Nascimento. Vereadores, quando V.Exas. quiserem se pronunciar, fiquem à vontade.

**O SR. FARIA DE SÁ** – Permita-me uma colocação, Vereador, cumprimentar V.Exa. por trazer esse assunto à Comissão de Constituição, Justiça e Legislação Participativa. Realmente, vamos ver as partes interessadas e acima de tudo, independente dessa questão local, aquilo que V.Exa. está falando, precisamos lutar pelas HISs, habitações de interesse social, extremamente carentes na cidade de São Paulo.

Quero cumprimentar V.Exa., bem como o Vereador Gilberto Nascimento, que está aqui à disposição, como membros que somos da Comissão de Constituição, Justiça e Legislação Participativa, em apoio à proposta do Vereador Toninho Vespoli.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Obrigado, Vereador Faria de Sá. V.Exa. e o Vereador Gilberto Nascimento são muito atuantes na CCJ, inclusive, neste momento de pandemia, os Vereadores Faria de Sá e Suplicy, acho que são os dois Vereadores que mais atuaram na Câmara Municipal.

Próximo orador, Sr. José Armênio de Brito Cruz, Secretário Adjunto, representando o Sr. Cesar Angel Boffa de Azevedo, Secretário Municipal de Urbanismo e Licenciamento.

**O SR. JOSÉ ARMÊNIO DE BRITO CRUZ** – Boa tarde, Vereador, sou Secretário Adjunto de SMUL, temos uma participação um pouco lateral nesse projeto nosso da Prefeitura, no sentido da viabilização das habitações sociais, que sempre foram uma determinação do Prefeito anterior, Bruno Covas, e hoje do Prefeito Ricardo Nunes, no sentido de diminuir as diferenças sociais e trazer gente para morar onde temos infraestrutura, emprego e principalmente a infraestrutura de mobilidade e infraestrutura urbana.

A SMUL tem dois papéis nesse processo, a Coordenadoria de Patrimônio dos Imóveis da Prefeitura está dentro da SMUL. E a SMUL é urbanismo e licenciamento, e esse projeto da PPP, quando eu era Presidente da São Paulo Urbanismo vi surgir lá atrás, desde 2018 e depois que saiu, em 2019, é muito importante porque, como já foi falado, busca viabilizar habitações sociais em uma região da Cidade que tem emprego, infraestrutura de mobilidade, equipamentos públicos e que é uma das diretrizes da nossa Gestão.

Esse terreno então foi localizado, está numa zona de centralidade, junto a Radial Leste e na esquina com a Bresser e tem seis mil e tantos metros quadrados; ele entrou como um lote da PPP, que é uma das maneiras de realização da construção de HIS na Cidade. Ele tem a possibilidade de receber aproximadamente mais de 200 unidades habitacionais e, se a gente aplicar aproximadamente o índice que aproximadamente a região central da Cidade apresenta, de três habitantes por unidade, quase 2,8 em alguns lugares, terá a capacidade de aproximadamente 600 pessoas morando nessas 200 e tantas unidades, talvez até mais.

O projeto está na Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento, ele já entrou para se licenciar, já está sendo analisado e não tem nenhum Termo de Permissão de Uso vigente. Isso foi verificado lá atrás, quando vimos a disponibilidade do terreno para PPP, em 2018, que é o que normalmente se faz de maneira permanente, mas, claro, de maneira provisória, como são os PPU's.

Como já foi falado, de maneira nenhuma é um processo que desvaloriza a ação do



coletivo Horta das Flores; pelo contrário: já foi falado muito bem e está alinhado com o nosso pensamento da gestão no desenvolvimento de agricultura urbana. Não sei se todos conhecem, mas nós, da Secretaria de Urbanismo, estamos alinhados com o programa Ligue os Pontos, que é um programa que vai fazer um desenvolvimento econômico para quem se dedica a agricultura urbana de hortas etc.

Isso, a gente está fazendo na região Sul da cidade, então é um coletivo que está bastante alinhado com a nossa gestão e a gente está à disposição, caso precise de alguma ajuda para localizar uma área alternativa para a localização do programa. Mas a perspectiva que foi colocada pela PPP foi justamente a da localização dessas unidades.

Eu, como Arquiteto, tomei o cuidado de olhar o projeto que está sendo desenvolvido pela região, para esse local, e ele tem um cuidado grande em sentido desse aspecto ambiental: a taxa de ocupação é bastante baixa em relação a Cidade, está em torno de 21% ou 22% de ocupação do terreno.

Esse projeto está também na Secretaria do Verde para aprovação, e tem um plano de manejo de árvores não só no terreno, como também na região da Mooca. São 158 árvores e existe todo um plano de manejo, que é efetuado na Secretaria do Verde para replantio e manejo das árvores.

Portanto, estou, na verdade, contando o histórico, dizendo que a PPP é uma das maneiras importantes, como alguns Vereadores já falaram, de construir unidades habitacionais. A cidade de São Paulo tem um déficit habitacional altíssimo, então a gente tem que construir unidades habitacionais principalmente onde tem infraestrutura, como no centro expandido.

O terreno está exatamente entre o que foi denominado PIU Central também a Operação Urbana Tamandateí, e tem uma área que é justamente de bastante atenção por estar lotada em uma infraestrutura para ter pessoas morando. Essa foi a implementação feita pela Cohab, e Sehab. Eu acompanhei desde a São Paulo Urbanismo e venho acompanhando até agora.

Estou à disposição de vocês. Cumprimento o movimento Horta das Flores,

cumprimento os Vereadores pela iniciativa desta audiência e agradeço o convite. A nossa Secretaria está à disposição para esclarecimento.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Obrigado, Secretário José Armênio. Eu estou vendo que já tem uma confluência com a Câmara Municipal. O próprio Vereador Faria de Sá falou que somos a favor de HIS, o pessoal da Horta das Flores também, os componentes ali são, a Prefeitura é. Então eu acho que não há divergência quanto a isso. Nós queremos que as unidades saiam. O povo está precisando. Vemos a quantidade de pessoas precisando que estão na lista de espera.

**O SR. FARIA DE SÁ** – Vereador Toninho, basta lembrar a aprovação da Operação Urbana Água Branca: 30% dos recursos serão destinados à HIS.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Sim, porque isso mostra a preocupação da Câmara Municipal, Vereador Arnaldo, quanto a essa questão.

Agora, o que nós estamos tentando é chegar a uma situação, a uma possibilidade, de repente, de uma área aí na Mooca mesmo. Nós também queremos que as unidades sejam em lugares estruturados, próximos de transporte e tudo o mais. Não tem sentido colocar as pessoas lá no canto, na periferia, onde a Prefeitura terá que gastar muito dinheiro para colocar uma infraestrutura. Mas nós também temos o problema que é o déficit ambiental. Estamos vendo o mundo colapsando, países chegando a mais de 50 graus de temperatura, pessoas morrendo, e isso é uma realidade. Não estamos mais falando do futuro. E eu gostei da fala do Secretário, porque ele coloca essa possibilidade de tentarmos ver uma alternativa na própria região para construir HIS. Eu acho que esse é um pouco o intuito. E os mandatos parlamentares e a sociedade se colocam para colaborar com a Secretaria para achar alternativa.

**O SR. JOSÉ ARMÊNIO DE BRITO CRUZ** – Desculpe, Vereador, eu não sei se eu fui bem entendido.

Eu coloquei a nossa disponibilidade para verificação de uma outra área para a localização do projeto, porque o compromisso com o concessionário na PPP, como não havia

nenhum termo de permissão de uso vigente na área, já foi determinado para a concessão dessa PPP. Então a minha colocação, e isso continua, estou à disposição, é para mostrar, e buscar com vocês, algum outro terreno que esteja disponível para o plantio de mudas e de desenvolvimento do importante projeto que já se desenvolve lá.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Ah, obrigado por esse esclarecimento. É porque eu tinha entendido também que teria possibilidade de os edifícios serem construídos em alguma área bem próxima dessa área.

**O SR. JOSÉ ARMÊNIO DE BRITO CRUZ** – Eu não ventilei essa possibilidade, uma vez que o projeto já está em desenvolvimento, a modelagem já está feita, e o projeto já está em aprovação em SMUB e também na Secretaria do Verde. E é importante mencionar que o plano de manejo das árvores do terreno vai colocar na região da Mooca milhares de árvores, não centenas, que atendem perfeitamente a diretriz ambiental. Isso, por diretriz da Secretaria do Verde. Então a aprovação do projeto atende tanto a premissa de HIS, que todos nós buscamos, como também uma questão de desenvolvimento urbano sustentável.

O plantio de novas árvores e o manejo de árvores existentes estão dentro do projeto. Seria interessante que a Câmara conhecesse o projeto que está lá no Verde. Eu tive acesso à planta de manejo ambiental. É bastante importante.

Eu sei que sempre as mudanças de localização, às vezes, são... nós reagimos: “vai acabar”. Não necessariamente vai acabar, porque a localização de mudas de plantas é passível de se fazer em qualquer terreno, não precisa de ônibus, nem metrô e nem infraestrutura de equipamento público para fazer isso.

Então eu acho que agora eu fui bem entendido?

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Sim, agora foi bem claro, Secretário.

**O SR. FARIA SÁ** – Posso fazer uma sugestão, Vereador Toninho? Vamos ouvir o Subprefeito da Mooca, o Zé Rubens, que ele está no local e talvez possa dar algum subsídio em relação à nossa preocupação de salvar o projeto. E temos que encontrar alternativas. Acho

que o Zé Rubens poderia ajudar muito.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Está bem, Arnaldo. Boa indicação.

Então o próximo orador é o Sr. José Rubens Domingues Filho, Subprefeito da Mooca.

**O SR. JOSÉ RUBENS DOMINGUES FILHOS** – Boa tarde a todos e a todas.

Quero saudar o nosso parlamento municipal na pessoa do Presidente desta sessão, o Vereador Toninho Vespoli; o meu amigo e professor Arnaldo Faria de Sá, o nosso grande Vereador; saudar também o Vereador Gilberto Nascimento Jr.

Quero deixar o meu abraço ao Promotor Geraldo Rangel. Quero saudar a Regina e o Fazzio, que são lá do coletivo; e os meus colegas de Governo, o Alex Peixe, presidente da Cohab; e o Armênio, Secretário Adjunto de SMUL.

Olha, é claro que o coletivo promove uma atividade muito interessante do ponto de vista ambiental. Tenho dialogado bastante, Vereador Arnaldo, com o pessoal do coletivo. Mas me parece que nós temos um bem jurídico maior em tela, que, como já foi bem explanado pelos Vereadores Toninho Vespoli e Arnaldo, é um déficit habitacional gigantesco na cidade. É uma fila da Cohab que beira as centenas de milhares de pessoas.

Eu não vejo problema, Sr. Presidente, Vereadores Arnaldo, Gilberto e demais pessoas que estão nos ouvindo, em encontrarmos alternativas diárias. Eu acredito muito no instituto da compensação ambiental. Parece-me que é factível. E a própria empresa já se comprometeu nesse sentido.

Então, eu coloco a Subprefeitura à disposição, para encontrar outras áreas e não só áreas similares. Acho que a Secretaria do Verde tem tecnologia também de plantio não só em áreas como essa, mas de plantio na área urbana comum, ruas e calçadas. E que encontremos áreas alternativas. Tenho algumas sugestões e posso encaminhar posteriormente, para a Comissão e para os Vereadores para acharmos uma alternativa.

Para finalizar, Vereadores e presentes, nós temos que pensar a cidade como um

todo. A Mooca não é uma cidade à parte. Nós estamos dentro da cidade de São Paulo e observamos, ao longo da história, talvez o Alex possa falar um pouco mais, mas eu já estive na Cohab, observei, na experiência prática, o que foram para a cidade esses enormes empreendimentos públicos afastados do centro: um caos urbano, falta estrutura, depois gera um grande esforço da Prefeitura para compensar a estrutura desses locais.

Então, realmente, esses empreendimentos menores, mais próximos do centro, é a lógica mundial, quando o assunto é habitação popular.

Estou à disposição. Devemos, sim, criar alternativas não só de compensar essa área, mas de ampliar o plantio. Estive com o Secretário do Verde, semanas atrás, para buscar esse *know how*, existem Vereadores na Casa que desejam investir nesse sistema de plantio, nas ruas, melhorar o verde da Mooca é prioritário, não só da Mooca mas de toda a zona Leste.

Então, me coloco à disposição para encontrar essa alternativa de área e desejo que encontremos uma rápida solução para essa questão.

Obrigado a todos.

Estou à disposição para qualquer esclarecimento.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Obrigado, Subprefeito.

O próximo orador é o Sr. Orlando Faria, Secretário Municipal de Habitação, representado pelo Sr. Alexsandro Peixe Campos, Presidente da Cohab, e pelo Sr. Nilson Edson Leônidas, Diretor Técnico da Cohab.

**O SR. ALEXSANDRO PEIXE CAMPOS** - Boa tarde a todos, Vereador Toninho Vespoli, Vereador Arnaldo Faria de Sá, é um privilégio muito grande; Vereador Gilberto Nascimento também, Promotor Rangel, muito obrigado pela presença. É fundamental acompanhar passo a passo do desenvolvimento da região. Meus colegas de trabalho, José Armênio, José Rubens. Não sei se tem algum outro Secretário, um abraço. Acho que o Armando está aí, Secretário Adjunto do Trabalho.

O diálogo está aberto constantemente. Eu fiquei refletindo qual o lado negativo desse projeto. Eu, particularmente, não encontrei e vou explicar o porquê: nós temos a

Subprefeitura, e, se fizermos um sobrevoo de drone mesmo, é uma área gigantesca, e tem uma área pequena que é a praça em questão. Em nenhum momento, nós vamos deixar sem área verde. Muito pelo contrário: só naquele local, a empresa conseguiu fazer um milagre no projeto de manter 60% do que está lá e vai aumentar o número de árvores, acho que vai passar de 150 para 196 árvores.

A empresa é preocupada com isso desde o primeiro momento. Sabíamos que poderíamos ter problemas, nós preocupados com isso com a empresa achamos a solução. Eles já foram num terreno que a Subprefeitura disponibilizou dentro do parque, uma área linda. Ninguém está se negando a fazer o transplante da vegetação que puder salvar.

Vale lembrar que, embora nobre, admiro muito aquele trabalho, já fui muito lá e acho belíssimo o trabalho. Ninguém vai preterir o trabalho, pelo contrário: nós vamos modernizá-lo. Hoje, esse trabalho não tem licença de funcionamento. Não está regular. A Prefeitura pode ir lá a qualquer momento e fechá-lo, lacrá-lo, o que ninguém quer. Pelo contrário, queremos incentivá-lo, porque é um trabalho nobre, como falei.

Então, Vereador Arnaldo, nós estamos aqui em pé e à ordem para ajudarmos São Paulo.

Para terem uma ideia, em 1950, São Paulo tinha 2,2 milhões de habitantes. Setenta anos depois, hoje, temos quase 13 milhões de habitantes. São Paulo tem migrantes e imigrantes. Eu mesmo sou catarinense e estou há 30 anos em São Paulo. Quantos outros nesta tela são de outros Estados ou o pai ou mãe até de outros países?

São Paulo é a terra da riqueza, do recurso, a terra em que as pessoas vêm para cuidar da família. O déficit habitacional se dá por conta disto: porque São Paulo atrai as pessoas para cá. Só na Cohab são mais de 200 mil cadastros atualizados de gente que está esperando.

Falaram-me da grande preocupação de uma pessoa da Mooca é de virar um Cingapura. Eu quero tranquilizar vocês, inclusive, os Vereadores, porque o Cingapura foi um modelo antigo que, na época, pode ter atendido, mas que, agora, precisamos tomar cuidados

com ele e atender melhor o Cingapura. Embora ele já esteja regularizado, a gente pode dar uma melhorada nele. Mas o projeto não vai ser um Cingapura. Muito pelo contrário. A empresa, as concessionárias, têm a obrigação de cuidar por 20 anos do equipamento. São equipamentos modernos. E outra, HIS são 60% também; 40% é o mix de classe, não vai virar só HIS. Não é só HIS.

Então, o empreendimento é brilhante, preserva muito bem a área verde. É um empreendimento que vai ter de atender toda a legislação ambiental de hoje. Cidade Tiradentes é o maior complexo da América Latina educacional, Cohab, e é distante, é longe, é uma cidade-dormitório. Para vocês terem uma ideia, não tem uma agência bancária lá perto. O sinal de celular, quando eu vou para lá, é muito complicado. Não tem.

Então, a gente está pensando em desenvolver algumas regiões lá em questões de trabalho. Estou falando com a Secretária Aline, com o Secretário de Governo e com o próprio Prefeito para desenvolvermos um projeto que a Cohab tem para a região.

Mas o foco hoje, óbvio, é a Horta das Flores. Quero agradecer muito ao Prefeito Regional José Rubens, que está nos ajudando sem parar e preocupado. Ele mesmo me procura direto com alternativas. Ninguém está aqui para ser truculento e dizer “vai fazer e acabou”. Não. O pessoal vai à minha sala a hora que quiser. Já fizemos várias reuniões e os Vereadores também vão lá. Já temos as alternativas de que ficará muito melhor, inclusive para quem trabalha, para quem lida na região.

Quero tranquilizar todos de que não vai virar um lugar sem cuidado, sem zelo. Pelo contrário, será um empreendimento nobre, que vai dar dignidade para as famílias, para quem precisa morar lá. É um enfrentamento que o Prefeito Bruno Covas nos ordenou a fazer. O Prefeito Ricardo Nunes está dando todo o apoio e os Vereadores também, com certeza, estão conosco, claro, preservando o máximo que pudermos de área verde.

Eu também gosto de área verde. Se eu pudesse não mexeria lá também. Mas, não tem, cada vez mais nós temos menos espaço na cidade. Fizemos um milagre no projeto para essas unidades.

Então, eu acho que todo mundo vai ganhar com isso. Ninguém vai perder a Horta. Ninguém vai deixar de fazer o que faz. Muito pelo contrário, a empresa também tem o seu papel social. A empresa também quer ajudar. A empresa está disposta a ajudar. Eles são os que mais querem ouvir opiniões.

Muito perto, ao lado, dentro da própria subprefeitura, há uma gigantesca área verde, um parque lindo. Já trabalhei na Subprefeitura da Mooca, em 2005, se não me engano. Fui chefe de gabinete, coordenador, subprefeito, na época, respondendo sobre as subprefeituras. A área é nobre. Tem mais apoio ainda do próprio Subprefeito lá dentro e nós iremos dar apoio total.

Então, eu acho que todo mundo tem de se sensibilizar, porque enquanto estamos aqui, cada um confortavelmente numa mesa, numa cadeira, tem muita gente que está dormindo embaixo da ponte. Há muita gente que está passando necessidade; muita gente que tem de pagar o aluguel e não pode botar comida em casa, não tem onde morar. Todos nós, graças a Deus, temos onde morar. Todo mundo vai para casa hoje e tem um lar. Mas, quantas pessoas estão ao léu?

A Prefeitura está preocupada com isso, pois a quantidade de gente que precisa de habitação é gigantesca. A cidade é muito grande e muito complexa. Então, eu peço a sensibilidade de todo mundo para nos unirmos para que tudo dê certo. Estamos aqui para isso, para cuidar das pessoas. Lá é um espaço nobre, lindo, maravilhoso e nós não vamos deixar de fora a área verde. Pelo contrário.

Repito: todo mundo vai ganhar com isso, principalmente o pessoal da Horta. Uma Horta nova e organizada. A empresa vai ajudar, já se propôs a ajudar, vão fazer um negócio organizado. Hoje a Horta está totalmente irregular. É irregular. Não pode haver a Horta do jeito que está, embora seja nobre o trabalho.

Estou ficando repetitivo já, mas é porque a nossa sede de atender a população é grande e a gente pode fazer isso juntos. Todos juntos.

Quero agradecer a todos por me ouvirem. Quero agradecer sempre para que



dialoguemos e achemos alternativas boas para o que mais importa: a cidade. A cidade vai ganhar com isso. Vai gerar emprego e renda. As pessoas ficarão felizes. Isso vai modernizar a Mooca. Terá equipamento público, terá comércio. O projeto é fantástico. É lindo o projeto. A Mooca é outra Mooca.

O pessoal está achando que vai ser um “bloquetezinho” quadradrinho e que vamos colocar pessoas lá dentro e acabou. Não é isso não, o projeto é maravilhoso. Aliás, para quem quiser, a gente encaminha o projeto para vocês verem como ficou. Vai ficar sensacional.

Muito obrigado. Vamos abrir o coração e pensar em quem também precisa morar.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** - Obrigado, Presidente Alexsandro.

Próximo orador é o Sr. Silvio Vasconcellos, Presidente da CDHU, representado pela Sra. Maria Cláudia Pereira de Souza, Superintendente de Planejamento Habitacional.

Antes de a Maria falar, eu acho assim, escutei atentamente todos, a discussão não está no sentido de querer inviabilizar o PPP. Acho que todo mundo é a favor da habitação popular, há um consenso quanto a isso. Ninguém precisa ser convencido de que a habitação popular é importante e que todo mundo é convencido disso. O que só queremos saber é se tem essa possibilidade - apesar de as licenças estarem andando, anda não foram finalizadas - de estar no processo essa questão. Ou, então, não poderíamos ver outra possibilidade?

Estou falando isso muito amigavelmente mesmo. Não estou querendo trazer dificuldade ao Executivo, ontem até fiz uma audiência pública para resolver o problema de uma biblioteca e conseguimos achar, via audiência pública, uma solução. Por quê? Eu vivi o monotrilha na minha região, eu moro na Anhaia Melo e também houve a compensação ambiental. Sou professor e em volta da minha escola, na parte de fora, acho que foram plantadas umas 15 árvores, todas etiquetadas, mostrando que eram para compensação ambiental, e as árvores tinham o nome. Sabe quantas das 15 vingaram? Nenhuma. Eu levo V.Exas. na minha escola, aonde eu leciono, e vão ver que nenhuma vingou. Vocês podem pegar o processo e ler a quantidade de árvores lá plantadas.

Então, a compensação ambiental, apesar de ser feita, nem sempre acaba, na prática, se efetivando, e as pessoas acabam perdendo quanto à questão ambiental.

Claro que outras pessoas vão falar, o Executivo vai falar novamente, mas o fato é que se a sociedade tivesse tido acesso ao projeto, talvez tivesse diminuído essas questões porque o fato é que lemos no relatório do Ministério Público, no processo, que nem mesmo o MP teve acesso ao projeto, quanto mais às pessoas. Esse diálogo acabou não acontecendo porque se tivesse acontecido, se as pessoas tivessem visto o projeto, de repente, teriam minimizado algumas coisas, e talvez não ficassem tão desorientadas porque há uma desorientação.

Quero trazer esses dois elementos como reflexão porque os acho importantes.

**O SR. FARIA DE SÁ** – Vereador, me permite um aparte? Posso dar uma palavrinha?

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Claro, Vereador.

**O SR. FARIA DE SÁ** – Eu tenho outra agenda, mas estou a sua disposição para angariar, para poder encontrar uma solução. Queria dizer a todos para discutirem essas questões extremamente importantes tanto ambientais quanto habitacionais.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Obrigado, Vereador, o senhor sempre bastante atuante na Casa, na CCJ e, com certeza, vai ajudar, vai achar uma solução para a situação. Muito obrigado.

**O SR. ALEXSANDRO PEIXE CAMPOS** - Pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Quem está falando?

**O SR. ALEXSANDRO PEIXE CAMPOS** - Alex da COHAB.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Pode falar.

**O SR. ALEXSANDRO PEIXE CAMPOS** - A gente fez a apresentação, se não me engano, para o pessoal da Ordem, estava lá na Sub, havia um representante. E vamos disponibilizar para todo mundo, eu também vou mandar o projeto para o Promotor, não tem o menor problema. E quem mais tiver interesse que a gente apresente o projeto, eu acho

fundamental, o pessoal vai adorar o projeto. Eu adoraria morar lá, lindo!

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Presidente, nós não poderíamos fazer encaminhamento a esse respeito?

**O SR. ALEXSANDRO PEIXE CAMPOS** – Claro.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Eu poderia ligar para a sua secretária, marcar na Secretaria do Verde a ida de uma comissão representando os moradores e a gente lê o projeto?

**O SR. ALEXSANDRO PEIXE CAMPOS** - Claro, perfeito, combinado.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Muito obrigado, Presidente.

**A SRA. FABIANA DE ALMEIDA GARCIA LOMBARDI** - Presidente, uma questão preliminar. Com relação a essa proposta de transplantar horta, é inviável segundo os biólogos, os agrônomos, tirar horta de um local, ser removida. É inviável por questões técnicas que fogem da minha alçada, mas os agrônomos e os biólogos podem explicar. Então, para não perdermos tempo, por mais que queiramos uma negociação, essa questão de tirar a horta e transplantar, é viável. E nós já dissemos que existem locais da Cohab, terrenos da Cohab que poderiam ser usados sim para a construção de moradias.

Então depois, na minha fala, quando chegar a minha vez na inscrição, apenas pra não tumultuar o andamento dos trabalhos, eu acho que devia ser consultada a questão técnica-ambiental, em vez de dizer que vão colocar horta aqui e ali, não é tão simples quanto estão falando, há árvores em extinção, há coisas raras. E é como eu falei, não posso explicar, mas acho que a Regina ou o Fazzio podem se manifestar a respeito. Obrigada.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Obrigado, Fabiana. É esse o seu nome? (Pausa)

**O SR. ALEXSANDRO PEIXE CAMPOS** - Pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Gente, vamos fazer o seguinte, vou deixar o Presidente da Cohab, o Alex se pronunciar. Depois a gente quer ouvir a Maria, que representa a CDHU porque parece que têm áreas da CDHU na região. De repente,

poderia haver algum tipo de interlocução com CDHU. Depois disso, abrimos inscrições para as pessoas inscritas, se não vamos perder um pouco o andamento da audiência pública.

Então, por favor, Presidente.

**O SR. ALEXSANDRO PEIXE CAMPOS** – Obrigado, Vereador; obrigado, Presidente. É só para destacar bem que esse estudo, à época, foi amplamente realizado quanto às áreas, aos terrenos juntamente com CDHU. Nós não temos nenhuma área próxima disponível para essa quantidade de unidades habitacionais. A Cohab tem sim áreas mais no extremo da zona Leste e da zona Sul, que são bem mais populosas com unidades habitacionais, com HIS.

Nessa região central aonde precisamos prevalecer os trabalhadores que estão por aqui com moradias na área central, não temos mais terreno dessa magnitude. Então, já fizemos todo estudo e é muito mais exequível transportar, transplantar tudo que for possível. E obviamente a empresa vai contratar o melhor agrônomo que houver, o melhor biólogo, tudo que for necessário para que salvemos, preservemos tudo que for necessário. E nós vamos estar acompanhando, eu também gosto de área verde. Eu amo jardim, amo árvore, amo tudo, mas tem de dar lares para as pessoas. E lá vai ser um projeto incrível, vai preservar 60%. Se fosse para acabar com tudo aquilo, o que até, se fosse necessário algum outro projeto, poderia até acontecer, porque é uma área da Prefeitura, a Prefeitura é dona do terreno. Mas ninguém está fazendo isso; pelo contrário, é uma chance até de a gente manter a área verde ali.

Se isso não sair hoje, não tem mais jeito, a gente já passou para a empresa o terreno. Mas digamos que nós tivéssemos dado esse terreno e ele ficasse lá, e daqui a cinco, dez anos viesse outro, algo muito maior que acabasse com toda a área verde.

Pessoal, nós estamos preservando 60%, é muita coisa. E vamos ajudar as pessoas, todo mundo aqui. Acho que vocês gostam de ajudar as pessoas. A gente tem que ajudar as pessoas. Tem gente morando debaixo da ponte, então vamos ser sensíveis também à realidade da vida. As pessoas estão numa pandemia, falta emprego, as pessoas estão morando mal, não têm nem onde morar. Eu acho que a gente tem que ter esse apelo.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Próxima, Maria Cláudia Pereira, representando Silvio Vasconcellos.

**A SRA. MARIA CLÁUDIA PEREIRA** – Boa noite. Cumprimento os vereadores presentes, Alex da Cohab, José Armênio, Subprefeito da Mooca e todos os demais.

Em nome do Presidente Silvio Vasconcelos, quero falar sobre o grande desafio que é a produção de habitação de interesse social, especialmente na área central do Município de São Paulo, no Centro Expandido. E dizer que, nesse quesito, a CDHU tem trabalhado de forma integrada com o Município de São Paulo. Lá atrás nós tivemos o Programa de Atuação em Cortiços, que fez um esforço grande, mas sempre integrado com a Prefeitura de São Paulo.

É um desafio enorme promover habitação nessas regiões que são servidas de infraestrutura, de todos os serviços públicos, que estão próximas da acessibilidade de emprego e tudo mais. A CDHU hoje não dispõe de áreas na região. Na verdade, todas as áreas que a CDHU tem estão comprometidas com outras demandas, e não tem exatamente nessa região, estão comprometidas com parcerias.

Hoje, qualquer execução de ações estruturais na Região Metropolitana de São Paulo, como no Rodoanel, na implantação do Metrô, da CPTM, demanda muitas vezes a remoção de áreas precárias, áreas de habitações precárias, reassentamento das famílias. A CDHU tem trabalhado nisso e tem buscado sempre parceria no Município para implantação de habitação de interesse social.

Implantar habitação apenas... E o porte dos conjuntos habitacionais é um grande desafio. A possibilidade que os projetos de parceria público-privada têm apresentado é fazer mix de rendas, mix de usos e ter uma concessionária que vai responder pelos serviços de gestão e manutenção por um determinado período. Então isso é um benefício no momento de fazer a implantação e ter a garantia da manutenção, por exemplo, com relação às áreas verdes, aos serviços que vão ser implantados.

É um grande desafio, conciliar todos os usos num determinado espaço urbano é

realmente sempre um diálogo, uma negociação muito necessária. Esse fórum é importante para que essa negociação seja realizada da melhor forma. De forma geral, o desafio de implantar, como a política habitacional do Estado de São Paulo reitera nesse esforço de promover habitação na área central, por meio da Secretaria de Habitação do Estado e da Agência Paulista de Habitação de Interesse Social, está em curso ainda a PPP do Centro, da Nova Luz, buscando exatamente esse mix de rendas, de usos e tudo mais. E remanesce esse desafio mesmo, por isso que a gente aposta que a intervenção em conjunto com o Município de São Paulo é importante.

No caso especialmente dessa área, não há uma parceria específica com a CDHU em outras áreas, então está sendo buscada uma parceria com a CDHU nos vários lotes da PPP, buscando que a priorização das demandas possa atender às necessidades.

Do ponto de vista do Estado, é isso que a gente tem a apresentar. A gente não conhece os detalhes da intervenção, mas na verdade valoriza muito esse esforço de promover habitação em área central e habitação integrada a outros urbanos e com esse mix de rendas na implantação do empreendimento habitacional.

É isso, de uma forma geral, que a gente poderia trazer. Obrigada.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigada.**

Próximo orador, Armando Júnior, representando a Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico e Trabalho Aline Cardoso.

**O SR. ARMANDO JÚNIOR –** Boa noite, Presidente. Boa noite aos Vereadores, aos meus colegas de secretariado que estão participando, ao Subprefeito da Mooca, José Rubens, todos os demais amigos da Mooca.

Nós, pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Turismo, uma das ações que nós temos, até pelo Plano de Metas, é a questão de hortas urbanas. As hortas urbanas são um ponto bastante importante, porque nós temos como meta na Prefeitura de São Paulo a criação de 400 hortas na Cidade. As 400 hortas estarão distribuídas em toda a Cidade, promovendo maior permeação do solo, mais agricultura urbana, geração de renda,

trabalhabilidade e também segurança alimentar. São pilares importantes para a Prefeitura de São Paulo, importantes para a nossa Cidade e também para a nossa população, principalmente a mais vulnerável e a da periferia.

Acompanhamos desde o início as falas que foram feitas, para nós ficou para a gente a questão da Horta das Flores, nós bastante ficamos satisfeitos, com a fala do Subprefeito José Rubens, do Presidente da Cohab Alex Peixe, por uma questão da manutenção de 60% da Horta das Flores no local e a transferência dos 40% para outra região.

Já tem o compromisso do Presidente da Cohab de fazer esse trabalho juntamente com os biólogos e com os agrônomos. E o compromisso de ter o local novo, destinado para uma nova horta, onde vamos poder ajudar, por parte desse programa de 400 hortas, da Prefeitura de São Paulo, a gente se coloca à disposição para apoiar a Subprefeitura no fomento dessa nova horta na Cidade.

Eu gostaria deixar um abraço a todos, agradecer, parabenizar pela solução que vem sendo dada. Com certeza, perder áreas verdes em São Paulo não é algo positivo, por isso, a solução que está sendo dada a gente entende como positiva neste momento.

Muito obrigado. Boa noite a todos.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Obrigado. Agora vamos para as inscrições da sociedade civil. Até agora temos, 21 inscritos, seremos mais rigorosos no tempo, daremos três minutos para cada um, caso contrário não conseguiremos terminar a audiência ou alguns não falarão, infelizmente.

O primeiro orador é o Sr. Alessandro di Carlo Formigoni, da Unimar. (Pausa) Não está presente. A próxima oradora é a Sra. Lúcia Maria da Silva, voluntária da Pedra 90 Plantios.

**A SRA. LÚCIA MARIA DA SILVA** - Eu estou aqui. Eu nome é Lúcia, moro na zona Norte de São Paulo, sou voluntária na Horta das Flores pelo Grupo Pedra 90 Plantio Voluntários de Agros de São Paulo.

Sempre fico feliz quando participo das atividades na Horta, onde vêm voluntários de

todas as regiões da Capital, inclusive da Grande São Paulo. Existe um clima de fraternidade e cooperação mútua.

Não podemos de forma alguma perder o espaço que é a Horta da Flores, um local que existe há 17 anos, com mais de 200 espécies de árvores nativas da Mata Atlântica, bioma já tão dizimado do nosso querido Estado.

A Horta também possui o viveiro de mudas, horta orgânica comunitária, jardins de ervas medicinais, casinhas de abelhas sem ferrão, várias orquídeas nas árvores, tudo realizado por um grupo de voluntários diversos, de produtos ambientais, que participam com amor nas atividades da Horta.

Acredito que a Prefeitura poderá conseguir outro local adequado para as moradias populares que, sem dúvida, são necessárias.

Entendo que a área verde da Horta é extremamente necessária, também, pois ajuda a oxigenar o entorno, toda Cidade ganha com isso. O processo auxilia na saúde física e mental de idosos que visitam o lugar, assim como crianças, jovens e adultos que participam das atividades ambientais promovidas pela Horta das Flores.

Portanto, não vamos perder esse espaço simplesmente maravilhoso, cheio de pássaros, borboletas, flores, frutas, abelhas, principalmente de gente feliz.

Obrigada, tudo de bom.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Obrigado. A próxima oradora é a Sra. Fabiana de Almeida Garcia Lombardi, da Horta das Flores.

**A SRA. FABIANA DE ALMEIDA GARCIA LOMBARDI** - Boa noite a todos. Por uma questão preliminar, no momento da inscrição o Sr. Luiz Fazzio teria 10 minutos para fala. Ele pediu para falar cinco minutos e eu cinco minutos. Então eu peço para o Sr. Presidente que me conceda dois minutos adicionais para eu poder passar o que, de fato, está acontecendo na região.

Quero cumprimentar todos os Srs. Vereadores, Sras. Vereadoras, o Presidente da Mesa, o ilustre representante do Ministério Público Dr. Geraldo Rangel de França Neto e a



todos que têm se empenhado na causa da Horta das Flores. Ao Vigia Mooca, pelo contínuo apoio à comunidade em questões relevantes como esta. Agradecendo, desde já, a oportunidade da participação da sociedade nesta Câmara.

Duas questões que acho importante esclarecer, diferente da narrativa insistente da Subprefeitura e da Cohab, de que a Horta das Flores estaria irregular no local, quem entregou as chaves foi a própria Prefeitura, mediante termo de assinatura de responsabilidade, que gerou um processo administrativo nº 6990, inclusive. É importante esclarecer a V.Exas. o que está sendo dito.

Aproveitando a fala do Sr. Presidente da Cohab, para quem ainda acha que nós não nos preocupamos com moradias, vale a pena lembrar que a Mooca é bairro de imigrantes, operários e refugiados de guerra. Nossos avós moravam em cortiços. Quem conhece a Mooca sabe que somos um bairro acolhedor.

De forma direta e objetiva, o que está acontecendo na Horta é muito preocupante porque ao que tudo indica, aparentemente, prescinde de diversas irregularidades da Administração Pública que, inclusive, teria induzido em erro legislativo, com informações inverídicas sobre o local onde se encontra a Horta das Flores, afirmando que não existia nenhuma vegetação no local.

O Projeto de Lei 266/2011 sob a gestão do Prefeito, à época, Gilberto Kassab, desafetou a área de forma genérica e sem observar a Legislação Ambiental, incorrendo em flagrante inconstitucionalidade, por violar o artigo 180 da Constituição Estadual que trata do desenvolvimento urbano. É o que diz a jurisprudência consolidada sobre o tema. Citando, por exemplo, ADI 1636930100/São Paulo.

Como se não bastasse, nossos estudos também detectaram diversas irregularidades no edital e no contrato administrativo da PPP para construção no local da Horta das Flores. Primeiramente, frisamos que não houve nenhum estudo prévio de impacto na região, ou seja, não foi feita nenhuma análise sobre a estrutura de postos de saúde, escolas, tráfego viário e demais questões essenciais para a população local, inclusive para viabilizar a

chegada dos novos moradores. Esses estudos têm previsão no contrato administrativo, mas não foram realizados, assim como os estudos de impacto ambiental com apresentação de relatórios. Também faltaram e até hoje faltam licenças e alvarás. Somente após o ajuizamento da ação civil pública, promovida pelo Ministério Público de São Paulo, a Prefeitura passou se preocupar em obter tais licenças, mas tudo de forma intempestiva, fora do prazo do contrato administrativo para tentar demonstrar regularidade no procedimento.

Repito: se não for atendido os parâmetros do edital da PPP e do contrato administrativo, o que tornou objeto de apreciação, inclusive, pelo Tribunal de Contas do Município.

Agradecemos a oportunidade a vós concedida, pois é imprescindível que Vossas Excelências tomasse conhecimento desses fatos graves para adotar as medidas cabíveis, exercendo o Poder Legislativo a sua função primordial e relevante de fiscalizar o Executivo.

Assim, submetemos o caso para apreciação de Vossa Excelências, sugerindo nesse Ato, sem prejuízo de outras providências que melhor entender, a imediata revogação da Lei de Desafetação 15.399/2011 pelas vias próprias e adequadas, utilizando os mecanismos que considerarem pertinentes. Solicitamos também a fiscalização da PPP em questão pelo Poder Legislativo, para que não haja abusos na Administração Pública em contratos de grande vulto, a fim de garantir a destinação correta dos tributos pagos pela sociedade.

Por fim, agradecemos mais uma vez pela audiência pública instaurada e nos colocamos à disposição para o que se fizer necessário.

Obrigada.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** - Tem a palavra, pela ordem, o Sr. Alexsandro Peixe Campos, Presidente da Cohab.

**O SR. ALEXSANDRO PEIXE CAMPOS** - Sr. Presidente, apenas para deixar claro: o que minha colega falou, não procede nenhum dos pontos. A PPP foi amplamente discutida nessa Casa, amplamente discutida no Tribunal de Contas do Município, o qual aprovou. A licitação foi amplamente divulgada. Está totalmente dentro de todos os prazos. Todas as

discussões, todas as Secretarias estão envolvidas, todos os estudos estão encaminhados.

Então acredito que minha colega não leu o edital, com certeza pela fala dela, de ponta a ponta. Sugiro que leia para não falar que tudo isso aí, assim ao léu. Parece que isso é verdade. Não é. É bom que Ministério Público esteja acompanhando, possa ler o nosso edital e acompanhar junto comigo isso.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – O próximo orador é o Sr. André Ruoppolo Biazoti, do Conselho Municipal do Desenvolvimento Rural, Solidária e Sustentável.

**O SR. ANDRÉ RUOPPOLO BIAZOTI** - Boa noite a todos. Em nome do nobre Vereador Toninho Vespoli, que preside a sessão, saúdo todos os presentes, as autoridades.

Primeiramente, colocarem que estamos lutando contra moradias populares é um erro. Essa fala da Cohab, uma fala emocionada de que temos que pensar nos moradores de rua, nas pessoas sem teto, acredito que nos coloca, enquanto pessoas que defendem agricultura e o verde na cidade de São Paulo, como opositores. E já foi deixado muito claro, tanto pelo nobre Vereador Toninho Vespoli, quanto outros, de que somos totalmente favoráveis às moradias populares na região central, inclusive, identificando que existem mais 1.700 imóveis ociosos no centro expandido da cidade e não vemos esse mesmo empenho que a Prefeitura diz que tem aqui, em desocupar imóveis sem função social e destinar para essas mesmas moradias populares.

É interessante ouvir uma fala tão comovente de que não há moradias, que é um *deficit* enorme. Precisamos construir na Horta das Flores, sabemos que existe aí tantos imóveis que não cumprem a função social que poderiam ser desapropriados para a construção de moradias populares no centro expandido da cidade, possibilitando que as pessoas estejam perto do seu mercado de trabalho. Outra coisa que eu ouvi aqui é que há uma abertura para o diálogo o Coletivo da Horta das Flores, desde 2016, quando iniciou, ele tem diálogo com a Subprefeitura da Mooca para estabelecer um termo de cooperação e a própria Subprefeitura

da Mooca em diversos momentos dificultou que fosse feito um termo de cooperação para regularização dos voluntários ali naquele espaço, inclusive foi feito um termo de cooperação e poucos meses depois a Subprefeitura cancelou justamente por conta do início dos processos de estudos por parte das construtoras para iniciar os processos de da PPP.

Desde 2016 há um diálogo com a Subprefeitura da Mooca para regularizar a atuação dos voluntários e se a PPP é de 2017 é porque nunca foi consultado sendo que a Prefeitura sabia, sempre soube que ali havia uma ação desenvolvida por pessoas de forma voluntária da comunidade exercendo o papel fundamental de educação ambiental e de questões alimentares na cidade de São Paulo. Para quem não sabe a Horta das Flores tem 17 anos. Ela fez parte de pelo menos dois programas públicos da Prefeitura, essa mesma Prefeitura que indica e que quer fazer 400 hortas, de acordo com o novo Plano de Metas, é a Prefeitura que quer tirar a Horta das Flores que existe há 17 anos a partir da existência do Proaurp, que é o Programa de Agricultura Interurbana da Cidade de São Paulo.

Então, para mim é muito confuso. Eu ouço as pessoas falando e parece que as pessoas não fazem ideia do que é uma horta, do que é uma horta comunitária, do que é construir um solo sadio para a produção orgânica, o que é trabalhar com sensibilização alimentar, formar pessoas. Parece que as pessoas não sabem que 41% dos brasileiros hoje se encontram em situação de insegurança alimentar. As pessoas estão passando fome e a Horta das Flores é uma horta de referência, conhecida no município inteiro por formar pessoas de diversas classes sociais, diversos grupos para a produção de hortas em outros espaços da cidade.

Então, ela cumpre um papel importantíssimo e a Prefeitura, ao longo desses 17 anos, infelizmente sucateou os trabalhos e não tem dado o apoio necessário para a implantação de espaços de agricultura urbana. Não é só uma questão de ceder outra área para horta, é uma questão de estruturação de política pública. Vemos o Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural, temos um estudo de que o orçamento da agricultura na cidade de São Paulo tem diminuído. Então, nos gera dúvida, como a Prefeitura vai implantar 400 novas hortas

se o orçamento para agricultura no município tem diminuído?

Então, Cohab e CDHU, já quero fazer uma proposta: por que não dedicamos parte do recurso do Fundurb para estruturação de Programas de Estruturação Urbana no Município de São Paulo, com fundo de desenvolvimento rural que apoie essas iniciativas? E então se há essa preocupação que a gente faça uma devida estruturação de uma política pública de agricultura urbana para apoiar esses agricultores que existem no município. E fala-se muito de diálogo, mas não teve diálogo em nenhum momento, não foi dialogado nem quando a PPP foi assinada e acho que está muito correto. Eu li o edital e a área consta como não contendo nenhum tipo de área verde dentro da área, então é muito estranho que agora tem um laudo da Secretaria do Verde dizendo que tem 150 hortas, sendo que no edital não tinha nenhuma. Isso é muito complexo, dizem que não tem nada, e agora vamos fazer o melhor para Cidade, acho que é bastante delicado.

Tem de entender que ali existe uma horta há 17 anos, que foi fruto de políticas públicas, da mesma Prefeitura Municipal. Acho que temos de ter acesso aos projetos, se já existe um plano de manejo sendo discutido na Secretaria do Verde. Essa discussão tem de ser pública, então eu faço coro com a proposta do Toninho Vespoli de que esses documentos sejam abertos e publicizados no site da Prefeitura para que a sociedade possa, de fato, acompanhar e os devidos órgãos participativos também sejam consultados nesse processo. É isso.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Obrigado, André. Próximo orador Thiago Moliani do Raiz Popular.

**O SR. ALEXSANDRO PEIXE CAMPOS** – Pela ordem, só mais um minutinho, Presidente, por gentileza, Alex da Cohab de novo.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Alex, a gente não podia escutar todo mundo porque no final você vai poder responder todos eles. A minha preocupação é só de estender mais a audiência, só isso.

**O SR. ALEXSANDRO PEIXE CAMPOS** – Pode ser, está bom. Eu estou tranquilo, não tenho nenhum problema com horário, estou aqui à disposição de todo mundo, sem problema nenhum, mas sigo sua orientação, sem problema nenhum.

**O SR. THIAGO MOLIANI** – Boa noite, gente, obrigado, Toninho, todos presentes. São 17 anos de trabalho aqui na região. São 17 anos de um trabalho ambiental, plantio de árvores, um trabalho reconhecido por diversos estudos, daí o pessoal da Cohab de repente chega e diz que vão tirar? Colocam basicamente criando uma multa A Secretaria do Verde e Meio Ambiente. Parece que só existem essas duas possibilidades: se tiver moradia, tem de tirar o verde, se tiver o verde não tem moradia. Gente, pelo amor de Deus, são 17 anos trabalhando são 17 anos... (Falha na transmissão.) ...são 17 anos de implantação e falam que é fácil mudar um trabalho desse? Como se fosse pegar uma plantinha, um vasinho, e levar de um lado para o outro? Nós estamos ali, ótimo, e tem uma grande infraestrutura no entorno. Nós temos duas ruas para frente onde temos diversas ZEIS também, que é onde geralmente se implanta realmente uma habitação de interesse social. Nós temos ali todo um trabalho sendo relegado e não teve diálogo.

Eu acompanho o Fazzio há muito tempo e nunca conseguimos acesso a esses projetos. A melhor forma de acesso que tivemos a esses projetos foi na forma de imagens 3D, para venda. Nunca tivemos uma condição de dialogar. Começamos a conversar sobre tudo isso com o pessoal da Horta sempre tentando alguns caminhos, tentando buscar um contato junto à subprefeitura - nesta gestão, mas principalmente na anterior -, contato com outros órgãos, mas nunca chegou à mão de ninguém. Parece que era um processo que estava escondido e, de repente, na hora que vamos implantar, ele surge. Aí, novamente, vem essa tentativa de colocar uma briga de habitação contra o verde. Os dois podem e, na realidade, devem coexistir. Não podemos cair nesse jogo que estão tentando fazer, como se os moradores da Mooca fossem pessoas desalmadas, que não querem moradia; como se o pessoal da Mooca não tivesse consideração pelos outros.

Desculpem, mas essa falsa briga que estão tentando levantar depõe não contra o

peçoal da Mooca, mas contra quem está tentando levantar essa briga. Apoio, sim, moradias populares, mas sem a necessidade de derrubar 17 anos de trabalho e arvores com 30 metros, 40 metros de altura que estão no local. E não somente arvores: ali há uma fauna gigantesca, há um trabalho de filtragem ambiente maravilhoso. Ou vamos deixar acontecer o que aconteceu no Jardim Têxtil, em que no dia seguinte ao dia em que caiu a ordem jurídica – me esqueci do nome, me desculpem -, tivemos uma coruja morta no chão porque o peçoal, para derrubar as arvores rapidamente, simplesmente vieram cortando, derrubando e matando animais, sem nem querer saber.

Desculpem-me, eu me empolguei um pouco, mas essa tentativa de fazer com que os moradores da Mooca fiquem com a fama de higienistas é um absurdo; não dá para levar isso a sério.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Obrigado, Thiago. Próxima oradora, Conceição Alves.

**A SRA. CONCEIÇÃO ALVES** – Boa tarde a todos: Srs. Vereadores, Presidente da Câmara Municipal. Sou moradora da zona Norte de São Paulo há mais de meio século e trabalho em projetos voluntários que incluem educação especial, proteção animal e ambiental. Juntamente dos colegas do grupo de plantio voluntário Pedra 90, estou engajada na luta pela preservação do espaço Horta das Flores, onde nós colocamos o nosso amor, o nosso voluntariado para cuidar do espaço, e agora estamos nessa luta para preservá-lo.

Nossa intenção não é, de forma alguma, não querer habitação para pessoas. Obvio que sabemos da importância, mas lutamos, sim, pela preservação desse espaço de uma forma integral e para que se busquem alternativas para colocar seis mil famílias – acredito que seja esse o número que consta nesse projeto – em algum outro determinado lugar, conforme os colegas já se manifestaram. Nesse espaço verde... (Falha na transmissão.) ...nós sabemos que temos a obrigação de salvaguardar a proteção, o patrimônio cultural, ambiental e urbanístico... (Falha na transmissão.) ...falando de uma cidade de grande importância, que é a cidade de São Paulo.

É importante também ressaltar a necessidade de preservação das áreas ambientalmente protegidas, de modo a compatibilizá-las, e não... (Falha na transmissão.) ...projetos sociais, como é o caso que ocorre no Horta das Flores. Então, temos que nos unir de forma a conseguir outro espaço para essa construção de moradias. A própria a Lei 10.257, o chamado Estatuto da Cidade - que regulamenta os artigos 182 e 183 da Constituição -, estabelece essa questão em seu artigo 2º, nos incisos II, VII e XII.

Então, o que provavelmente está acontecendo no caso do Horta das Flores trata-se, provavelmente, do descumprimento dos princípios constitucionais, como o princípio da igualdade da pessoa humana, o princípio do direito humano fundamental ao meio ambiente sadio, o princípio do desenvolvimento sustentável, o da prevenção e precaução do poluidor pagador, e o da função social e ambiental da propriedade. Tais princípios, como sabemos, estão na nossa Carta Magna, no artigo 255. Dessa forma, a manutenção dessa área verde, que é objeto da nossa demanda, garantiria a preservação de vegetação permanente, a existência de uma área permeável, que auxiliaria no controle de enchentes; e, além disso, manteria uma área verde e de lazer para a população, especialmente a da região da Mooca, bem como a manutenção de projetos sociais, que é o que já vem ocorrendo em larga escala e que tem a mesma importância da habitação. Não estamos querendo minimizar a importância de projetos habitacionais, mas que se busquem alternativas para se preservar essa área, que é o pulmão da Mooca.

É necessário ainda frisar que a execução de projeto de construção de habitações colide com as diretrizes trazidas no Plano Diretor da Cidade de São Paulo, conforme a Lei 16.050, de 2014, e com o Estatuto da Cidade, Lei 10.257, de 2001, vez que a ordenação e o controle do uso do solo devem evitar a degradação ambiental.

Dessa forma, tal projeto, no meu entender – e me perdoem se estou errada -, ofende a legislação, afronta esses princípios constitucionais e acarreta danos ambientais e sociais também, além de que tais atos configurariam improbidade administrativa, estabelecida nos artigos 10 e 11 da Lei 8.429/1992. Eu acredito que, usando bom senso, todos nós, em



comunhão, podemos encontrar uma alternativa salutar para ambas as partes: pulmão, porque todos nós respiramos; e moradia, para se ter dignidade humana, como um dos princípios que foi citado.

Muito obrigada a todos e que tenhamos o melhor resultado nessa demanda.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** - A próxima oradora é a Sra. Maria Solange Francos. (Pausa)

**A SRA. MARIA REGINA GRILLI** - Sr. Presidente, a Sra. Maria Solange precisou se ausentar, mas deixou o texto aqui, para que eu lesse para V.Exas. Pode ser? Posso ler?

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** - Sim, pode.

**A SRA. MARIA REGINA GRILLI** – Eu vou ler o texto da Prof. Solange:

Meu nome é Maria Solange Francos. Sou bióloga e professora do curso de Ciências Biológicas da Universidade Uninove. No ano de 2019, eu e mais duas professoras iniciamos uma parceria com a Horta das Flores. O espaço foi aberto para novos alunos do Curso de Ciências Biológicas, os quais necessitavam de estágio obrigatório, para obtenção do diploma de Bacharel. O número de alunos foi crescendo e o Projeto Utilização do Espaço Comunitário da Horta das Flores - para plantio de aromáticas, medicinais e alimentícias, com diversos subprojetos voltados à sustentabilidade - passou a ser executado pelos alunos estagiários, sob orientação das professoras.

Em 2019, uma das alunas teve seu trabalho publicado no Simpósio Internacional de Sustentabilidade e Sociedade. Nos anos de 2020 e 2021, alunos estavam envolvidos nesse projeto e todos entregaram relatórios com os resultados dos trabalhos realizados. O trabalho resultou, até o momento, em 18 canteiros, com plantas aromáticas e medicinais em área aberta, mais dez canteiros de espécies alimentícias, inclusive pancs, plantas alimentícias não convencionais em estufa telada, manutenção e revitalização do viveiro de mudas nativas, manutenção e cultivo da espiral de ervas, cuidados, manutenção e produção de adubo orgânico, de excelente qualidade, em composteira aberta.

Todos esses trabalhos, na Horta das Flores, têm gerado aprendizado nas áreas de

Botânica, Jardinagem e Nutrição, e oportunidade de estágio para mais de 30 alunos até o momento.

Neste semestre, estaremos dando início a um projeto com mais alunos de licenciatura em Ciências Biológicas; e daremos continuidade aos projetos desenvolvidos por quatro alunas em Mestrado em Sustentabilidade, da Universidade Federal de São Carlos, a UFSCar. Para o próximo ano, com a vacinação já bem avançada, o projeto é continuar com os projetos, ampliando o número de estagiários envolvidos, com a realização de cursos e oficinas destinadas à comunidade e a escolas; manutenção da área de plantas ornamentais e implantação de caixas racionais de abelhas, a nativa sem ferrão; construção de ninhos-iscas, e transparência para caixas nacionais e atividades.

Agradeço a todos pela oportunidade e um grande abraço.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Tem a palavra o Sr. Anderson Valença França, do Projeto Gatos do Parque.

**O SR. ANDERSON VALENÇA FRANÇA** - Boa noite, Exmos. Vereadores desta comissão, inclusive o Sr. Presidente, Professor Toninho Vespoli e Srs. Faria de Sá e Gilberto Nascimento, Vereadores que conheço. O Vereador Faria de Sá é do meu tempo de Diário Popular, por quinze anos, como editor de política.

Como jornalista, ambientalista e morador da Mooca, desde 1970, comecei minha carreira jornalística aqui na Mooca. Inclusive eu gostaria de expressar aqui a minha profunda preocupação com o episódio, em que se desenha em termos reais de transformação de um bioma e mais um lamentável androma. O País está cheio de andromas, infelizmente.

E quero aqui defender a vida vegetal e chamar também atenção para as colônias felinas. Até agora ninguém falou sobre isso, dos animais, que vivem na Horta das Flores. É muito importante isso, porque, há mais de oito anos estão estabelecidos no referido local. São animais protegidos por leis municipais, assim como seus tratadores. É de suma importância salientar que o Estado de São Paulo não possui lei que protege animais comunitários. A lei estadual 12.916 permite animais comunitários em todo solo paulista, inclusive aqui na capital,

que possui várias leis específicas.

No caso dos Gatos da Horta, todos são castrados e, bem tratados pelo coletivo e pelas tratadoras independentes, Elis e Elizete, com apoio integral do projeto Gatos do Parque, que atua na zona Leste. Que fiquem bem claro que, no caso de possível desocupação, os animais estão protegidos por lei. Não podem ser removidos, sem o que prevê a lei, ou seja, em termos de cuidados específicos, manejo, remanejo da mesma característica. A Cohab a construtora, a Prefeitura, quem quer de direito, no caso, terá que oferecer, por lei, condições de vida saudável e bem-estar. Eles merecem dignidade animal e têm vínculos de dependência e manutenção com o seu habitat.

O animal comunitário é estabelecido por lei municipal e está longe de ser a solução de todos os problemas, mas promove mobilizações em prol da defesa animalista, fortalece as relações pessoais nas comunidades e alivia a superlotação em que se encontram as ONGs. Vamos, portanto, fiscalizar de perto, juntamente com todos os protetores independentes da região, o que será feito em relação aos referidos animais. Apelamos os Excelentíssimos Vereadores a somatória e a vigilância. Esses seres precisam cada vez mais de voz ativa, respeitabilidade com as leis ambientais, dignidade e principalmente amor incondicional.

Os dias atuais exigem sustentabilidade, e a questão agora é de sobrevivência. Temos apenas 8% de capa vegetal em todo o Estado de São Paulo. Que todos nós possamos encontrar novamente a nossa verdadeira essência para que tenhamos sempre presente a alegria e a conexão com a natureza. Enfim, alegria de ser, de interagir, de aprender, de estar e de existir.

Em nome de Gaia e em nome do Projeto Gatos do Parque, agradeço o bom-senso. Outro detalhe: como jornalista, sei que a Secretaria Municipal de Transportes e Mobilidade está requerendo da Cohab um pacto em relação ao trânsito da região pelo adensamento que vai ocorrer. Por que isso não foi feito lá atrás? Por que só agora? Essa foi a última questão. Nós dependemos de moradias populares, sim. Ao longo dos 50 anos da minha trajetória, eu fui assessor de imprensa do Secovi e eu sei o que é o *deficit* habitacional no Estado inteiro, não

só na cidade de São Paulo e no Brasil.

Um abraço a vocês. Paz e bem. E que o bom senso prevaleça, mas, vou repetir: a sustentabilidade é questão agora de sobrevivência, não é mais modismo, ecologia, coisa de ecochato. Nada disso. Um abraço a todos. Meu respeito aos três Vereadores citados e a todos os que estão participando desta audiência e parabéns para o Coletivo Horta das Flores e para os tratadores independentes deste país. Um grande abraço a todos.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) –** Obrigado, Anderson.

A próxima oradora é a Sra. Valéria Blanco, da ATTi Comunicação. (Pausa) O próximo orador é o Sr. Daniel Rodrigues Santiago, do Vigia Mooca.

**O SR. DANIEL RODRIGUES SANTIAGO –** Boa noite a todos e a todas. Primeiramente, eu gostaria de repercutir o que o presidente da Cohab disse em relação ao fato de muitas pessoas estarem morando embaixo da ponte. Qual é o morador que mora embaixo da ponte que tem condições de comprar um apartamento que será oferecido para eles? Essas pessoas não têm condições de comprar um apartamento. O Parque da Mooca, onde hoje está localizada a subprefeitura, está repleto de moradores de rua, e não podemos usar o clube, que está fechado devido à pandemia também, claro, mas que poderia servir de lazer para o bairro e hoje está fechado por causa desses moradores. Até a área destinada aos cachorros está fechada, também sem previsão de abertura. Temos pouquíssimas opções de lazer e cultura na Mooca; talvez um teatro particular e outras coisas, mas área de lazer com jardinagem, com área verde, não temos nada.

A Secretaria do Verde e Meio Ambiente constatou que a Mooca é o bairro que apresenta o menor índice de área verde por habitante. Portanto, precisamos de plantio de árvores e não de retirada delas. Espaços verdes melhoram a qualidade do ar das cidades, traz beleza, saúde e bem-estar a todos. Atividades de jardinagem são super-realizantes para a melhoria da satisfação com a vida principalmente para os idosos, que sociabilizam, e causam a percepção de diminuição da solidão. Os idosos também gostam de se sentirem úteis e procuram trabalhos voluntários de plantio, assim como a juventude que frequenta esses locais

para adquirir conhecimento e, muitas vezes, fazer pesquisas. Isso acontece bastante. Se o bairro de Higienópolis, que possui grande área verde, conseguiu manter o Parque Augusta, por que não a Mooca, o bairro mais árido de São Paulo, vai perder? Isso não faz sentido.

Estamos na região central, mas precisamos ter áreas verdes em excesso no bairro a fim de se garantir saúde a todos. Moradia é importante, sim, mas o verde talvez seja ainda mais neste momento. O bairro tem muitos terrenos abandonados que podem ser estudados para a construção de moradias; inclusive nós apresentamos como sugestão uma área da Cohab ao lado do metrô Carrão, que está inutilizada e possui metragem semelhante à da Horta. Vale lembrar que a Prefeitura entregou a chave do local para os representantes da comunidade e colocou um senhor idoso, que mora na Horta das Flores há mais de cinco anos, como caseiro. Isso demonstra a nossa preocupação com toda a coletividade, desmentindo a versão da mídia paga de que a Mooca seria contra moradias populares. Como falou a Fabiana, a Mooca é um bairro de imigrantes e operários e acolheu refugiados. Então, é, sim, um bairro acolhedor e não um bairro higienista, como disseram no jornal.

Entendemos que não é preciso ter o prejuízo de uma área tão importante de lazer e de pesquisas científicas, bastando a boa vontade do Poder Público para readequar as moradias nesta mesma região sem essas perdas inestimáveis. Se houver outro local na Mooca, que seja escolhido, mas não na Horta das Flores. Não houve qualquer contato com moradores da região para saber o que eles pensam sobre isso. Por exemplo, no Canadá, qualquer intervenção em qualquer região, os moradores são consultados para darem sua opinião, e aqui, em São Paulo e no Brasil, a gente não vê isso.

Então, falta um pouco o Poder Público trazer para os moradores e dividir essa ideia e trazer solução, porque somente o Poder Público toma a iniciativa e toma as rédeas nesse caso e os moradores não têm chance nem de falarem o que pensam.

Eu ouvi aqui, também, do Secretário que iria remanejar algumas árvores. Nós sabemos que as árvores ao serem remanejadas elas, em quase 100%, morrem. Então, também tem esse porém do remanejamento.

Por fim, cito o artigo 225, da Constituição Federal, que diz que todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso do comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

Muito obrigado. Daniel Santiago.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Obrigado, Daniel. Próximo orador, André Gallego.

**O SR. ANDRÉ GALLEGO** – Boa noite. Meus cumprimentos a todos.

Meu nome é André Galego. Sou Engenheiro Gestor Ambiental, voluntário e morador da Mooca há 40 anos.

Não há mais como pensarmos no desenvolvimento urbano sem pensarmos em conservação ambiental e desenvolvimento social. Não temos dúvidas de que a Mooca necessita de árvores por seus diversos benefícios de ser um pulmão para o bairro, diminuir a onda de calor e grande absorção de águas de chuva. As mais de 200 árvores nativas, exóticas e frutíferas da horta, são muito importantes para o bairro e para beneficiar a diversidade de animais que buscam refúgio, água e alimento. Porém, focarei a minha fala sobre a parte social, desenvolvimento humano e sustentável.

A Horta das Flores é muito mais que uma área verde na Mooca. É um programa de educação e de projetos ambientais, pesquisa acadêmica, apoio social na vida de diversos moradores da região e de voluntários de que vêm de outras partes da Cidade para aprender e trabalhar conosco.

Não posso deixar de falar dos nossos tão preciosos idosos, que frequentam a Horta para saírem de suas casas e andarem pelas árvores e brincarem com os gatos, conversarem com os diversos jovens e professores que estudam pela Horta, além de ajudarem na limpeza e conservação da área.

Em parceria com professores de universidades da região, muitas aulas e pesquisas são desenvolvidas dentro da área da Horta: aulas práticas de plantio dentro da

Cidade, que não seriam possíveis caso a Horta não existisse. Esse conceito de aprender na prática tem o elevado grau de engajamento das matérias lecionadas, além de ser muito mais interessante para o aprendizado. Os alunos dessas universidades desenvolvem também programas, gravação de vídeos práticos e estudos acadêmicos, trabalhos de graduação e mestrado que são muito importantes para a formação acadêmica e ingresso no mercado de trabalho.

Na parte de voluntariado, temos diversos parceiros, como o Pedra 90, ou Que Ideia, Letraria, A Terra do Amanhã, São Martinho, Gatos do Parque, Arsenal da Esperança e outros, que desenvolvem trabalhos na área.

Todos os fins de semana, temos ações de plantio em nossas estufas, por onde já passaram mais de 1.500 mudas de Mata Atlântica e Cerrado, que alimentam diversas ações de plantio pela Cidade, inclusive o Verdejando.

A Horta das Flores é uma área que tem um potencial enorme para desenvolver mais trabalhos sociais e acadêmicos, gerando cultura ambiental, desenvolvimento acadêmico e pesquisa além da capacitação profissional. Em qualquer cidade do mundo, esse trabalho desenvolvido na Horta teria um alto reconhecimento pelo governo local.

Concluindo. Este projeto da PPP no Bairro da Mooca prevê 2.700 unidades. No lote da Horta das Flores estão previstas somente por volta de 300 unidades. Portanto, estamos falando de 11% das moradias que poderiam ser facilmente recolocadas em outros lotes.

Respondendo ao Sr. José Armênio e ao Subprefeito José Rubens, as promessas de plantio de árvores na Mooca se fazem há anos e, ao longo dos anos, as áreas verdes só diminuíram. Ou seja, a promessa dos governantes não deixa de ser só promessa. Desmatar 40% da Amazônia e manter 60% seria suficiente? Uma pergunta para os senhores: qual a quantidade de prédios na área central, sob responsabilidade da Prefeitura, prédios ociosos, fechados e abandonados? Fica aqui o meu questionamento.

No Brasil, infelizmente, é mais fácil destruir área verde que enfrentar questões políticas e jurídicas.

Por fim, convido a todos os Vereadores e aos que estão nos assistindo pelo Youtube a visitarem o local, conversarem sobre os trabalhos desenvolvidos e tirarem as suas próprias conclusões.

Obrigado pela oportunidade. André.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Obrigado, André.

Próximo orador, Rogério Alexandre Borcys, da Horta das Flores. (Pausa)

Próxima oradora, Elizabeth Graceffi Blanco, da Horta das Flores. (Pausa)

Próxima oradora, Elisabete de Oliveira da Silva. (Pausa)

Próxima oradora, Áurea Fortes, da Letraria.

**A SRA. ÁUREA FORTES** – Boa noite a todos.

Eu sou Áurea Fortes, voluntária do coletivo Letraria. Este coletivo faz a distribuição gratuita de livros na cidade de São Paulo.

Eu estou aqui para falar da Horta das Flores como um espaço vivo, que sempre mantém as suas portas abertas para o coletivo Letraria. Nós utilizamos os espaços da Horta das Flores para organizar reuniões do nosso coletivo, um grupo de amigos que arrecada esses livros e os distribuir. E a Horta das Flores sempre esteve a nosso favor a partir de reuniões, dando-nos suporte, arrecadando livros, divulgando. É parceira, totalmente parceira. Então se trata de uma horta, de um espaço de reunião de muitos coletivos, de muitos grupos de pessoas com interesses em comum, a favor do bem, a favor da natureza, da cultura.

Também quero falar um pouco como cidadã, como moradora da Mooca, como eleitora da cidade de São Paulo. Eu utilizo esse espaço levando o meu composto, o que é produzido na minha família, participando de plantios, participando de atividades dentro da Horta das Flores. É um espaço que nos ajuda na nossa saúde mental, está do lado da Radial Leste e é necessária. Por isso digo, fica Horta das Flores.

Muito obrigada.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Próxima oradora, Gleice Maria de Vasconcelos, do Cades Santo Amaro.



**A SRA. GLEICE MARIA DE VASCONCELOS** – Boa tarde a todos, sou Conselheira do Cades já em final de mandato porque será eleito um novo Conselho, e o que ouvimos aqui às vezes é inacreditável, mas vamos adiante.

No meu entendimento isso é um balde de água fria no exercício da cidadania, do empoderamento do munícipe de sua Cidade, do seu caráter participativo, porque a comunidade não é chamada para ser ouvida antes das obras de grande impacto, quando a comunidade sabe já está tudo definido e quase sem volta. Temos de lembrar que os nossos governos, os nossos parlamentares são eleitos como nossos representantes, e como não somos ouvidos quando há essas obras de grande impacto? Acho que há uma discordância, uma incoerência.

Vemos chamado o nosso coração para a questão da habitação, é claro que a habitação é de interesse social, eleva a autoestima do munícipe, é um bem de direito. E não é uma questão de amor ao verde, não é uma questão de amor, de sensibilidade, é uma questão de racionalidade, de razão, porque vivemos numa emergência climática e cada área destruída contribui, impacta as consequências da crise climática que vivemos.

E esquecemos que hoje em dia, não sei se sabem, mas falta água em muitas das moradias em São Paulo. Muitas moradias ficam, às vezes, até 48 horas sem água e depois vêm água por 12 horas e falta de novo. E as árvores, vamos transplantar, vamos plantar, quer dizer, vamos plantar para amanhã começarem a produzir seus efeitos benéficos para garantir depois de amanhã. Temos de preservar hoje para garantirmos o nosso amanhã, não é nem das futuras gerações, porque as árvores, além de todos esses benefícios que produzem, são as fábricas de água. Lavoisier diz que nada se perde, tudo se transforma.

Então quando vemos a chuva cair, essa chuva era a água que estava na terra, nos lençóis freáticos, que foi sugada pelas árvores e pela sua transpiração se forma a chuva, é um processo que se retroalimenta. Quando tiramos as árvores quebramos esse processo e o resultado será a falta de água. Quando falamos na falta de água que está sendo vivenciada, estamos nos avizinando da crise hídrica, ainda estamos sem sentir na pele o que é isso,

apesar de já termos vivido uma crise em 2013 e 2015.

Então é hora de responsabilidade. A habitação é super necessária, mas é bem jurídico maior? Não. É bem jurídico importantíssimo, é elementar, mas há bens essenciais, a própria vida, porque não estamos questionando o direito a um meio ambiente saudável, é direito à vida, porque sem água ninguém vive, sem água não há atividade econômica, não há agricultura, não há horta, não há nada.

E estamos brincando com isso com falas que até nos espantam quando ouvimos. Em Curitiba, essa água que cai do céu, que é da transpiração das árvores, alimenta os lençóis freáticos, alimenta o Aquífero Guarani, há cidades no Paraná que já estão afundando, porque o Aquífero já está diminuindo seu volume de água. E Curitiba tem um projeto de caça às fontes, então estão procurando onde há fontes para fazer uma proteção antes do interesse imobiliário avançar. São Paulo não, com 13 milhões de habitantes, vai passando o trator por cima de tudo.

Então é hora de responsabilidade. Há uns dias andei nessas construções do Metrô para colocar estacionamento, não sei o que era, e duas fontes de água foram aterradas. É realmente uma questão preocupante, não é uma questão de sensibilidade, é hora de razão, estamos numa emergência climática, estamos numa guerra. E vai ser uma guerra por água, em que vai haver uma desestabilização social, uma crise econômica, vai ser uma crise em todos os aspectos que possamos imaginar, inclusive de violência, porque sem água vai resultar na falta de alimento, vai aumentar a violência, o desemprego, vai aumentar os indigentes; e esses mesmos que nós queremos proteger com a construção de moradia serão os primeiros a ter suas casas com as bandeiras secas.

Então, o bem jurídico maior é a vida. E não é uma questão de amor, mas de razão, de conhecimento e de responsabilidade. Quem está sendo na cadeira de parlamentar e dos governos tem a responsabilidade pelo que estiver fazendo hoje.

Obrigada.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Obrigado, Sra. Gleice. A senhora falou de um aspecto muito importante, que é a relação da água. Eu li uma matéria

dizendo que, ano que vem, teremos racionamento de água por conta da crise hídrica; e a senhora nos deu uma aula sobre isso. Muito obrigado.

Tem a palavra o Sr. Welton Santos, do Conselho Gestor do Parque Ibirapuera e dos Parques Trianon e Mário Covas.

**O SR. WELTON SANTOS** – Boa noite a todos, senhoras e senhores, eu sou Arquiteto, tenho formação em Especialização em Paisagens e sou geofísico. Também colaboro como voluntário da Horta das Flores com esses ensinamentos a respeito do meio ambiente, também sou voluntário na Umapaz.

Dentro do Parque Ibirapuera e do Parque Trianon, a gente também tenta trazer essa questão da importância da vegetação, que envolve cada cidadão. E a gente ficou preocupado com a questão da pandemia, um período em que os parques ficaram fechados e as pessoas com problemas seriíssimos de saúde, na parte mental, e não sabendo quando que abririam os parques. Então, a gente percebeu a importância dos parques na vida da população, pela situação das crianças também, que me toca muito, porque elas ficaram inviabilizadas de irem às escolas e o único espaço que elas tinham para ir eram os parques.

Tem a questão da Horta das Flores também, que tem um movimento fantástico até na questão de envolver criança, que é o novo cidadão em formação, já que, muitas vezes, o adulto não leve em consideração toda essa parte do meio ambiente. Agora quando você leva a criança para aquele espaço, ela leva para dentro de casa aquela ideia e puxa a orelha de todo mundo, então a mãe e o pai acabam vestindo a camisa dessa situação. A gente percebe a necessidade dessa criança também de ter contato para perceberem a formação das plantas, porque isso não tem na própria escola e é muito difícil ter uma formação vegetativa sem ter um momento com as plantas.

Na Horta das Flores, a criança vê uma horta de 17 anos. Imagine a formosura de polinizadores, de fauna, de espécimes raras. É uma riqueza incalculável. Então, é um lugar tão interessante que é onde as pessoas se reencontram, produzem. Eu vi muitas pessoas que conseguiram um trabalho através de um diálogo, porque as pessoas não costumam mais

conversar entre si e, às vezes, a pessoa não consegue ser achada de modo virtual ou por telefone, ela tem que ser vista.

Vendo essa importância grandiosa da Horta das Flores, eu acredito muito que ela deva continuar tanto para a formação social do bairro da Mooca, porque quando se tem um espaço verde eu vejo que ele é valorizado monetariamente. A partir do momento que se começa a tirar a vegetação, o valor imobiliário cai, porque ninguém vai querer morar naquele local. Com isso, o bairro acaba se valorizando.

A gente tem visto gestores da cidade de São Paulo investindo em SBN – Soluções Baseadas na Natureza – porque a gente não pode bater de frente com a natureza, a gente tem que convidá-la a participar. Como o Sr. Anderson comentou, é questão de sobrevivência. A gente chegou a um caos tão grande que a temperatura está aumentando gradativamente e, no próximo ano, a temperatura será 2% mais quente.

Para reverter esse quadro, basta a gente manter a vegetação, e uma vegetação de um porte de 17 anos não é de ontem para hoje que se consegue. Então, acho que existem vários lugares que poderiam servir para moradia, agora, se construir em um espaço como a Horta das Flores, quantos apartamentos darão, qual o tamanho desses apartamentos que vão suprir as famílias? Será mais uma situação em que vamos condensar pessoas, em vez de abrir o espaço para a vegetação.

Então eu deixo essa fala para todas as pessoas: realmente amem mais o verde, porque precisamos dele. Sem ele, não vivemos. E tem toda a questão da polinização, os insetos. Tem todo um ecossistema tão sensível e que não tem preço que pague isso.

Eu gostaria de agradecer a todos pela oportunidade.

E sinto muito toda essa questão, mas eu agradeceria se a Horta das Flores permanecesse.

Boa noite a todos. Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Tem a palavra o Sr. Felipe Pinheiro Oliveira.

**O SR. FELIPE PINHEIRO OLIVEIRA** – Boa noite, Sr. Vereador Toninho. Obrigado pela disponibilidade de solicitar essa audiência.

Em primeiro lugar, eu gostaria de dizer que é bastante espantoso e bastante desrespeitosas algumas falas dos agentes públicos que ouvimos antes das falas dos munícipes.

Primeiro é desrespeitoso por fazer conotações de que os moradores são vilões e não querem moradias populares no nosso entorno. E ela é desrespeitosa também porque parece que estamos falando com crianças, com pessoas com falta de capacidade de compreensão do que está em jogo.

As falas ponderaram as questões de legalidade.

E eu queria devolver o apelo emotivo que o representante da Cohab faz sobre as pessoas em situação de rua em nosso bairro.

Eu queria, com essa mesma ênfase, dizer que nós pedimos, como munícipes, que a Prefeitura de São Paulo e a Cohab façam valer a lei de função social da propriedade no Município de São Paulo. Com esse mesmo ímpeto de legalidade para destruir 40% da Horta das Flores, que se tenha esse mesmo ímpeto para fazer cumprir a lei da função social da propriedade.

Aliás, aproveitando a presença do representante do Ministério Público: que o Ministério Público acompanhe quais são os processos em andamento das áreas aqui na Mooca – eu nem vou falar da região do centro de São Paulo. Aqui na Mooca nós temos conhecimentos, sabemos, que há diversas áreas abandonadas – não há cinco anos, não há dez anos, não há 15 anos, não há 20 anos. Quais processos estão em andamento para desapropriação, para que elas possam cumprir a sua função social antes de pensarmos em destruir 40% de uma vegetação nativa? Eu acho que é essa a pergunta que precisa ser feita.

Sobre a preocupação do Subprefeito com a questão de não colocar pessoas para morar nas periferias: ninguém está em desacordo com isso.

Vemos também a preocupação de “Ah, porque aqui tem aparelhos públicos”. E aí

que eu falo da falta de respeito pela nossa inteligência. De que aparelhos públicos o Subprefeito está falando? A creche, a poucas quadras da Horta das Flores, que não tem vaga hoje para crianças? Que a funcionária aqui do meu estabelecimento não consegue colocar a sua filha para estudar a poucas quadras do local de trabalho, a poucas quadras de onde vocês querem colocar 300 famílias? A UBS que fica dentro da região onde fica a Subprefeitura da Mooca que não tem medicamento, que não tem os médicos suficientes, que encaminham diversas pessoas para saírem da Mooca e irem até a Vila Prudente?

Quando vocês falam que aqui é uma região que tem aparelhos públicos disponibilizados para as pessoas, de que aparelhos públicos os senhores estão falando? Porque eu desconheço.

Querem enfatizar a legalidade? Então vamos continuar falando sobre a legalidade.

Como os senhores querem aprovar um projeto, uma construção de um prédio, de uma região predial, sem disponibilizar o projeto viário da localidade, sem apresentar o impacto ambiental na região, sem apresentar um estudo sobre justamente o aumento do impacto que essa população causará sobre os aparelhos públicos inexistentes e existentes aqui no nosso bairro – e que, como já foi dito, não atendem à demanda que existe hoje.

Isso porque estamos tratando somente do terreno da Horta das Flores. Quando falamos em impacto viário, imaginem o caos que não vai ser causado na Rua dos Trilhos, por exemplo, onde vocês estão acabando com uma feira que existia há mais de 40 anos.

Então, quando pensamos em legalidade, eu volto a fazer o apelo ao Ministério Público: vamos começar primeiro a saber qual é a tarefa de casa que a Prefeitura de São Paulo está fazendo com relação à lei de função social da propriedade.

E somos desrespeitados quando é colocada aqui uma questão de ordem do representante da Cohab para dizer que uma moradora, a Fabiana, faltou com a verdade nas informações, quando diz que houve ampla participação popular.

Aí é uma questão de visão de cidade. Eu não sei se tem discussão, porque é uma questão política.

Se o representante da Cohab e o Subprefeito da Mooca entendem que participação popular é porque o assunto está sendo debatido na Câmara de Vereadores, está sendo debatido entre secretarias do Poder Municipal, aí temos um conflito de ideias sobre o que é participação popular. Porque a maioria das pessoas reais, as pessoas que têm emprego real e que empreendem trabalha no horário comercial e não consegue participar das discussões de gabinete que acontecem duas horas da tarde numa segunda-feira. Participação popular é audiência pública no território que vai ser impactado. A participação popular é ampla e sua divulgação deve ser feita no espaço que vai ser afetado. Isso é participação popular. Do contrário, é falácia.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Obrigado, Felipe.

Estou sendo bem generoso com o tempo. Tinha falado que são três minutos, mas tem gente falando quatro ou cinco, mas eu não posso deixar mais, senão não vamos conseguir concluir a audiência pública.

Próxima oradora é a Kelly Cristina Feminino, do Grupo SOS Horta das Flores.  
(Ausente) Próxima oradora é Bernadete, da Horta das Flores (Pausa).

Está mutado o seu som. Agora abriu.

**A SRA. BERNADETE** – Na Horta tem uma figueira enorme de 20 ou 30 metros de altura. Essa figueira não se formou em um ou dois anos. Ela está enraizada. Como vão transplantá-la? Eu fico pensando nas raízes, e, certamente, ela vai morrer. É um desrespeito humano para com a natureza. Eu vejo isto: o próprio homem se desfazendo da natureza em prol da moradia. É algo importante, mas eu acho que a natureza é o principal, o ar, o pulmão, a nossa vida, a nossa saúde.

É só isso. Obrigada.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – O último orador é o Salvador Campos, da Horta das Flores.

**O SR. SALVADOR CAMPOS** – Olá, boa noite. Talvez daqui a seis anos... (Falha na transmissão).

Na pessoa do Vereador Toninho Vespoli, cumprimento a todos desta histórica audiência. Sou Salvador Campos e represento um dos coletivos que trabalham na Horta.

Nossas voluntárias trabalharam duro no início dos trabalhos, de graça.

O movimento volta-se à valorização das plantas e árvores do nosso habitat em ambiente urbano, refletindo diretamente no arrefecimento do bairro menos arborizado e mais árido da cidade de São Paulo: a Mooca.

Com a supressão de, pelo menos, 40% dessa área, é certo o aumento de um grau centrígrado no bairro.

Levamos a mensagem da conscientização e plantio de novas árvores nativas junto a pessoas de todas as idades que acreditam que a cidade do futuro tem que ser mais verde pelas questões climáticas e sociais e mais arborizada com mais permeabilidade do solo, adaptada climaticamente e atenta à preservação ecológica.

O volume arbóreo per capita da Mooca está desequilibrado. Eu vi aspas centenas não, milhões de árvores, se não fizeram até agora, não será a Horta das Flores que irá resolver o *deficit* habitacional, mesmo que haja mais de 30 mil imóveis abandonados em São Paulo e a Cohab nada. O projeto atual que a sociedade não viu não será algo similar como o Vale do Anhangabaú – assim espero. Lembrando que nós estamos em colapso climático e colapso hídrico. (Falha na transmissão)

Eu agradeço a todos e espero que Deus nos traga o melhor final feliz.

Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Obrigado, Salvador. Trouxe uma reflexão importante, porque temos a Secretaria das Mudanças Climáticas, e foi, inclusive, um plano que foi discutido e publicado no começo do ano; uma das metas desse plano é plantar muitas árvores e parece meio contraditório uma Secretaria ter uma política e a outra entra em conflito. É assim que eu estou enxergando.

Mas agora vamos ouvir o Executivo. Talvez nem todos queiram falar. Eu sei que o Presidente da Cohab já queria se pronunciar antes; então, ele tem um tempo estendido, porque



se ele quiser responder várias questões; e, se algum outro membro do Executivo quiser falar, por favor, erga a mão. Para eu não ter que ficar chamando todos, e alguns vão passar a vez.

Então, agora é o Presidente da Cohab, o Alex. (Pausa)

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Está mudo, não estamos escutando você. V.Sa. quer que eu passe para o Subprefeito da Mooca primeiro e o senhor fala depois?

**O SR. ALEXSANDRO PEIXE CAMPOS** – Desculpe, agora deu. Bom, vamos lá, resumindo, muito se falou em diálogo, eu acho que é assim: o diálogo só está acontecendo do nosso lado, ou seja, o pessoal ou é deixar tudo do jeito que está; ou nada! Do nosso lado, deixamos 60% do local do jeito que está, e 40% vamos replantar, transplantar o que dá. Então, em nenhum momento deixamos de dialogar sobre o que vamos fazer, e é o que falei lá atrás. E se em algum momento, lá na frente, se não forem unidades habitacionais num projeto lindo, que todo mundo vai ver e vai me dar razão, eu espero que sim. Se for outro equipamento, aí teria que ocupar toda área porque nada impede, não tem legislação nos proibindo de fazer compensação em outro lugar. Então, ninguém aqui está sendo intransigente, tem diálogo de nossa parte, e é mais do que amplo. Até no topo do prédio dá para fazer área verde. A construtora, em algum momento, me propôs isso também, e não só isso, nós vamos fazer depois.

Então, a todo momento, o diálogo de nossa parte existe. Só que a parte do pessoal das flores, o único diálogo que tem é não mexer em nada, é não fazer nada. E aí não é diálogo. Então, no diálogo, cada um cede um pouquinho; e ceder 60%, eu acho que é uma vitória para todo mundo, inclusive para a Cidade, é manter área verde na Cidade, sendo que a subprefeitura tem lá uma área enorme. Óbvio, quanto mais área verde melhor, mas temos também de pensar nas pessoas, na habitação.

Então, acho que, sim, o diálogo foi aberto, o processo é totalmente transparente. Quem quiser pode entrar no site da Cohab, estão lá todos os projetos, todos os contratos. O nosso Portal Transparência recebeu a nota número 10. E o que precisar, eu mando a cada um

de vocês, não tem o menor problema, tudo é transparente. Obviamente, como a lei determina é como nós trabalhamos. Repito: qualquer sugestão ou ajuda, nós estamos abertos.

Muito se fala: ah, os prédios abandonados no Centro; ah, têm muitos terrenos abandonados. Gente, há coisas que são privadas, não são da Prefeitura. Eu não posso: a Cohab quer aquele prédio... A Cohab tem até esse direito, o direito de desapropriar, e aí é uma briga judicial, todo mundo sabe que preciso de recursos para tanto. Para desapropriar um terreno ou um prédio, se não me engano são 70 ou 90 prédios no Centro abandonados, do privado, e nós estamos fazendo um trabalho para tentar identificar, para tentar estimular. Agora tem uma nova lei que vai nos ajudar muito, a Prefeitura está muito mais moderna, a Câmara está nos ajudando muito. Aliás, quero agradecer muito aos Vereadores.

Então, pessoal, temos de nos unir. Agora, vir e jogar: ah, não tem diálogo. Agora reclamaram aqui que a população não é ouvida. Como não é ouvida? Estamos há duas horas e meia ouvindo a população, ouvindo as pessoas, e não é a primeira vez! Então, dizer aqui que a sociedade não é ouvida, isso não, fica até feio falar isso. Estamos aqui há duas horas e meia escutando todo mundo. Aliás, algumas pessoas falaram alguns absurdos, e não tem o menor cabimento.

Enfim, é isso. Quero deixar o meu abraço para todo mundo, aos meus colegas que não estão aqui, ao Zé Rubens, que é um cara atento, trabalhador, um subprefeito trabalhador, atuante, ele não para. O Zé Armênio também, um colega corretíssimo, sério, um técnico profissional muito bom. Os Vereadores também, não sei se tem algum presente, tirando o Presidente, mande um abraço a quem estiver aí. E eu estou lá na Cohab, praticamente de domingo a domingo a gente trabalha, o Zé Rubens sabe disso, ele também trabalha para atender vocês. Acho que é um bem-comum, vocês vão ver o quanto esse empreendimento vai valorizar a Mooca com os equipamentos públicos que lá terão. Falaram até que não tem qualquer estudo, mas não podem falar assim também. Todo mundo está trabalhando junto para atender melhor à população. O equipamento que for mais necessário, nós vamos fazer, a construtora vai fazer.

Acho que se nós nos unirmos, cada um cedendo um pouquinho, a gente faz, mas dizer que não tem diálogo da nossa parte, não pode ser dito isso. E o diálogo por parte do pessoal da horta, de que não vai mexer em nada, aí não tem diálogo! Isso não é diálogo. Agora, se eu aqui chegasse, Presidente da Cohab, e dissesse: eu vou ocupar tudo, aí não teria diálogo. Mas não, são 60% e vamos ajudar vocês melhor ainda, vamos profissionalizar vocês mais ainda, dar apoio, dar ajuda. A construtora tem também um lado social, e quer fazer. Vai ficar bom. Vocês têm de confiar no poder público também, não tem jeito. Unidos vamos fazer um bom trabalho para todo mundo.

E qual é o diálogo? Ah, procurou um terreno? Não tem. Falaram de um terreno no Carrão, que não é do mesmo tamanho, e lá não está abandonado, o CET está ocupando, é uma área operacional deles. As pessoas aqui falam, jogam ao léu: ah, usa o do Carrão. O terreno do Carrão é da Cohab, mas é menor, é um tirão, não dá para fazer quantidade de unidades habitacionais. E ele é mais longe, mais distante da área central. Nós temos de trazer as pessoas, os moradores para trabalharem a pé, morarem perto do trabalho. Isso impacta em tudo: na saúde pública, no transporte.

É isso, pessoal, vamos pensar também um pouco no coletivo. A cidade tem de pensar no coletivo, vai perder um pouquinho da área verde, mas vai ganhar habitação. Agora, vai se perder todo o verde? Não, não vai se perder todo o verde. Gente, é só ter bom senso. É só pensar que não vai se perder tudo, vai perder só 40%. É muito? Pode ser muito sim, mas as pessoas também ganharão habitação. Eu falei que falta terreno, não é assim, nós temos mais terrenos na zona Leste, só que queremos trazer as pessoas para o Centro também.

É isso, pessoal, senão eu começo a ficar repetitivo. Um ótimo final de semana para todos, estou à disposição, a gente trabalha com o maior carinho para a cidade, podem ter certeza disso. Todos os colegas que eu conheço e que estão envolvidos nisso trabalham com muito carinho pela cidade e pelas pessoas.

É um privilégio, aliás é um privilégio muito grande e agradeço muito ao Bruno Covas, que nos deixou, e ao Prefeito Ricardo Nunes. Eu pessoalmente sou testemunha do

trabalho desses dois pela cidade, o Bruno Covas não parava e o Ricardo Nunes está na mesma toada. E a Câmara Municipal de São Paulo também nos fiscaliza, nos orienta, nos ajuda, e todos os Vereadores trabalham muito também pela cidade. Esse é um privilégio muito grande, todo mundo unido.

Parabéns, Vereador Presidente, vamos em frente.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – O próximo é José Armênio...

**O SR. FELIPE PINHEIRO OLIVEIRA** – Vereador, só uma questão de ordem, se me permite. É uma dúvida como a do senhor, eu não pretendo rebater fala. Eu queria tirar uma dúvida com o senhor, só para entender a dinâmica da audiência, porque agora vão falar os representantes do Poder Público respondendo às nossas falas. Mas, a gente acaba de ouvir uma série de coisas em termos de desonestidade intelectual do subprefeito, que eu acho que precisavam também ser respondidas, porque senão vai ficar prevalecendo como última palavra aquilo que acabou de ser dito.

E outra dúvida é saber se o representante do Ministério Público ainda continua na audiência, porque o Subprefeito, em sua fala, acaba de admitir que não tem os outros estudos, que são extremamente importantes para a questão da obra que se pretende executar. É só para entender como vai ser essa dinâmica, Vereador, desculpa.

**O SR. JOSÉ RUBENS DOMINGUES FILHO** – O Subprefeito não falou isso, Felipe.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – O Subprefeito vai falar ainda.

**O SR. FELIPE PINHEIRO OLIVEIRA** – Eu não queria ser interrompido, eu não interrompi a sua fala, Subprefeito. Quem dá a palavra é o Presidente da comissão.

**O SR. JOSÉ RUBENS DOMINGUES FILHO** - Então, mas eu não falei nada de...

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Quem falou agora foi o Presidente da Cohab. Depois de eu chamar mais um inscrito, vou dar a palavra ao Subprefeito. Vi que mais três pessoas levantaram a mão. Vou dar a palavra ao Poder Público e para essas três pessoas que levantaram a mão. Vou tentar fazer o encaminhamento da audiência pública, está bem?

O próximo orador é o José Armênio, Secretário Adjunto da SMUL.

**O SR. JOSÉ ARMÊNIO DE BRITO CRUZ** – Obrigado, Vereador.

Só vou completar um pouquinho, acho que o Alex colocou muito bem. Mas, vou fazer uma fala um pouco como arquiteto, Alex, desculpe.

É o seguinte: primeiro, foi falado acho que pelo Biazoti, e que o assessor do Vereador até comentou, sobre a falta de uma política de alimentos na cidade. Nós sim temos, inclusive ligada à Secretaria de Urbanismo e Licenciamento, um programa premiado mundialmente como o melhor programa do mundo de arquitetura de agricultura orgânica e que surgiu no sentido de segurar o espraiamento da mancha urbana. Há um vídeo na internet e vocês poderão ver, é o programa Ligue os Pontos, que está ligado à Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento.

Outra questão que eu gostaria de falar e foi mencionada em algumas colocações é que a cidade é o resultado do nosso projeto. O Parque Trianon e o Parque Ibirapuera não são naturais, eles foram projetados, foram construídos. Um, em 1954, e o outro no início do século XX. Construíram o parque, fizeram o parque, então se alguém não acredita no Poder Público fazendo construções, o Quadro VII do Plano Diretor coloca na Mooca, em andamento, com implantação minha e planejamento, aproximadamente cinco parques. A cidade, em algum momento, vai fazer.

Agora, paralelamente a isso, a gente está seguindo o Plano Diretor Estratégico que define o adensamento nas áreas de infraestrutura e, como o nosso ex-Prefeito falecido Bruno Covas falava, o adensamento também onde há emprego, para aproximar o emprego das pessoas, e as pessoas do emprego, e é da infraestrutura. Essa é uma diretriz do Plano Diretor Estratégico que estamos cumprindo.

Eu já disse, quer dizer, esse terreno está no limite da Operação Urbana 'Bairros do Tamanduateí e no limite do PIU Central, em uma zona de centralidade, que é a perspectiva, pode ser pela estrutura de mobilidade para receber moradores. E aí o Alex colocou muito bem, nós, na gestão, atualmente temos de dar voz a quem não tem voz. Ninguém aqui falou que

estava precisando de uma casa, mas são milhões de pessoas, na cidade de São Paulo, que precisam de casa. Mais do que isso, precisam de emprego, de chance na vida para se desenvolver e morar na Cidade.

Para concluir, foi mencionado, creio que pelo Daniel, que esse projeto é importante, repito, como arquiteto preciso mencionar que o Alex colocou muito bem, às vezes quem não é arquiteto coloca melhor do que arquiteto, a negociação para o desenvolvimento da Cidade se dá em um projeto. Posso dizer que esse projeto que tem 21,8% de taxa de ocupação tem uma das taxas de ocupação mais baixas de projeto da Cidade.

A solução que esse projeto coloca, que está cumprindo os trâmites de aprovação na Prefeitura da Cidade, seja em SMUL, seja no Verde, seja na verificação de infraestrutura, na atuação de calçada, na preservação do verde, esse projeto não é feito em qualquer lugar da Cidade, é feito na Radial Leste, numa área que deixa uma taxa de solo natural de 2.700 metros, num terreno de 6.500 metros, ou seja, é um projeto que, pelas suas características, dá uma resposta a essa negociação que parece um pouco infundada – habitação ou verde. A gente tem de ter habitação com verde.

Nós vamos ter mais parques na Mooca. Nesse terreno nós vamos manter essa área que o projeto prevê. Só queria complementar isso no sentido de falar que nessa negociação existe o projeto, posso dizer que esse projeto considera toda a situação que foi falada da Mooca. Ninguém está dizendo que quem está na audiência é contra a habitação, de maneira nenhuma, quem conhece a história da Mooca sabe que não.

A Mooca surgiu como um bairro operário, de moradias populares, isso é fato, não precisa explicar. Nós estamos dizendo que o projeto nesse lugar vai ter características específicas. Completando um pouco o que o Alex falou.

Estou à disposição dos Vereadores e da população para conhecimento desses programas que eu falei e dos processos que discutimos aqui. Estou às ordens.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – O próximo a falar é o

Subprefeito da Mooca, o Sr. José Rubens Domingues Filho.

**O SR JOSÉ RUBENS DOMINGUES FILHO** – Boa noite Presidente, obrigado pela palavra. Agradeço o convite.

Como bem falaram o Secretário Armênio e o Alex me sinto praticamente contemplado.

Apenas para deixar frisado para a nossa Câmara Municipal, eu estou aqui há quatro meses, nós não negamos uma agenda sequer, aliás, para ninguém. Todos que nos procuram são atendidos, agendando ou não. Tenho aqui o Fazzio e a Regina como testemunhas, sempre que fomos demandados, procuramos encaminhar as questões dentro da nossa alçada, às vezes até extrapolando. Consultamos a Cohab, falamos diretamente com o Prefeito, buscando alternativas.

Foi falado sobre a consulta popular, para deixar claro, nós vencemos a eleição no ano passado em primeiro e segundo turno, sendo que uma das principais propostas do Prefeito Bruno Covas e do Prefeito Ricardo Nunes, não foi só promessa, porque já foi executado, recorde histórico de execução e viabilização de habitações na cidade de São Paulo, essa foi uma das principais propostas de campanha, debatida no processo eleitoral e aprovada pela população de São Paulo.

Penso que é importante também levar em consideração as pessoas que necessitam de habitação em São Paulo. A fila é grande, é um drama. Também é questão de vida ou de morte não ter um teto. Acho que o tema deve ser debatido à exaustão, mas com os dois lados.

Quero dizer, Sr. Presidente, que beira a ingenuidade as pessoas afirmarem que o Poder Público vai construir um prédio, ou seja lá o que for, na ilegalidade. Todas as nossas ações – talvez as pessoas que falaram isso não conheçam o mínimo de Direito Administrativo ou de Gestão Pública -, mas as nossas ações na Prefeitura são monitoradas e fiscalizadas on-line, pelo Tribunal de Contas, Ministério Público, Controladoria e pela própria Justiça.

Ninguém é infalível, mas qualquer erro eventualmente cometido pelo Poder Público,

de imediato, sobretudo nos tempos atuais, praticamente, on-line por esses órgãos que foram citados. Então creio que não tem muito cabimento as alegações de ilegalidades, qualquer tipo de problemas no convênio, porque além de ser nossa obrigação, por princípio, atuamos na legalidade, como eu disse, nós somos monitorados, 24 horas, pelos órgãos de controle.

Então, quero dizer que o Alex falou praticamente tudo que deveria ser falado – idem, o Armênio. Eu acho que, quanto à sustentabilidade, é óbvio aliar a questão ambiental à questão do desenvolvimento humano. Não podemos dar as costas para isso e o Poder Público tem, sim, de viabilizar recursos e tecnologia suficiente para seguir nesse rumo – quer dizer, ter habitação, sim, e também ter a reposição do verde, ampliar as áreas e assim por diante.

Para finalizar, eu quero falar, Presidente, que algumas falas eu não anotei. Eu, como o Armênio, acabei anotando rápido e me embaralhei nas minhas anotações, mas é importante que se consulte a quantidade de parques viabilizados em São Paulo nos últimos anos. Aqui, não é nenhum discurso eleitoral, até porque eu trabalhei com os últimos cinco prefeitos e, pelo que eu tenho memória, desde a época do Kassab, principalmente, e nas gestões subsequentes, muitos parques foram projetados e abertos na cidade. Como disse o Armênio, eu tenho, primeiramente, confiança nessa gestão que foi eleita e confiança de que os planos de meta serão cumpridos nas áreas. Aliás, o Prefeito me cobra diariamente para que busquemos alternativas para novos parques.

Então, eu acho que é, sim, possível utilizarmos o instituto da compensação ambiental. O Poder Público deve e vai fazer isso, de modo que a Mooca e a zona Leste, como um todo, tenham uma ampliação de cobertura vegetal.

Presidente, estou à disposição. Quero agradecer a todos os que participaram e, em especial, à sociedade civil. Tenho falado muito com o Fazzio. Conheci a Regina recentemente em um ato público na rua e tomamos um café. Eu acho importante essa mobilização, mas, para finalizar minha fala, quero sensibilizá-los, pois 300 habitações não são pouca coisa. Quer dizer, é muita gente na rua. É muita gente em área de risco. É muita gente sofrendo, sem teto. Então, é dever, sim, do Poder Público viabilizar habitação. É dever nosso, como estamos fazendo.



Volto a falar: não é discurso eleitoral, porque não estamos em campanha, mas é nossa obrigação defender o meio ambiente.

Quero convidar todos para que conheçam o trabalho que vem sendo feito pela Prefeitura nas áreas ambientais, sobretudo na zona Sul de São Paulo – programas habitacionais e remoção de moradias irregulares para preservar a nossa caixa-d'água natural, que é a Guarapiranga. Quer dizer, acho que todos os coletivos aqui presentes fazem um trabalho excelente. Eu tenho lido bastante material sobre isso. Aliás, está aqui, na minha mesa, o material encaminhado pela Regina. Já encaminhei para o Prefeito uma cópia. Porém, quero convidar os coletivos para que conheçam, também, áreas ambientais estratégicas na cidade de São Paulo, sobretudo, os nossos mananciais. Que façamos lá, também, essa defesa ambiental tão importante para a cidade.

Obrigado, Presidente. Obrigado a todos os amigos presentes. Um abraço ao Alex Peixe, nosso Presidente da Cohab. Estou à disposição de todos, como sempre. Boa noite a todos.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Obrigado. Vou passar a fala aos que ergueram a mão: à Sra. Regina, ao Sr. Felipe e ao Sr. Anderson. Podemos fazer dois minutos para cada um, por conta de que já era para encerrar este momento. Vou fazer a fala por conta de tentar estabelecer a relação mais democrática possível. Tudo bem?

Só quero, também, falar um pouco para as autoridades que estão aqui. Que eu me lembre, assim, na época do Sr. Eduardo Jorge como Secretário, nós tivemos um pool na questão de implementação de parques, mas, de lá para cá, meio que estamos indo com o breque de mão puxado, tanto no Governo Haddad como nos governos subsequentes. Não tenho de cabeça, mas, se formos ver, acho que temos 167 parques no Plano Diretor, enquanto no Plano de Metas temos oito, menos que dez. Então, está no Plano Diretor, mas, às vezes, os planos não se conversam. São coisas sobre as quais também temos de refletir.

De tudo isso que eu estou escutando, tanto de um lado como do outro, eu fico olhando e as pessoas estão trazendo questões relevantes. A Dona Gleice fala, assim: “Nós

estamos aqui. Vamos viver um momento de crise hídrica.” Aí, as pessoas falam: “Olhem a questão do efeito estufa, que está aumentando a temperatura e isso pode acabar, inclusive, com correntes marítimas. Pode aquecer correntes marítimas e teremos menos terra agricultável. Pode haver problemas de impacto de segurança alimentar. Já estamos sofrendo e isso pode piorar.” Então, eu acho que as pessoas estão trazendo elementos importantes de reflexão. Não vi nenhuma fala destas, aqui: “Ah, não queremos moradia popular.” Não, as pessoas querem.

Já que ainda não temos, assim, as licenças, tanto da SMUL quanto da Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, acho que ainda há momentos de diálogo que podemos fazer, tentando achar pontos em comum. Acho que a Administração vai conseguir implementar PPPs e a sociedade vai ficar contente, pois vai ver os seus projetos continuarem, até porque, se formos pegar a zona eleitoral que dá na Mooca, como o Subprefeito falou: “Ah, ganhamos as eleições.” Então, a Mooca foi, inclusive, um espaço determinante para a eleição desse Governo. Tenho certeza de que boa parte dos que estão aqui, talvez, até votou nesse Governo.

Então acredito que é um momento de diálogo, de reflexão para tentarmos encontrar ponto comum. É isso que estou tentando. Por isso vou deixar vocês falarem, mas vou fazer um encaminhamento, que eu já tinha feito, para ver se conseguimos chegar a pontos em comum em conversas. Temos uma sociedade, hoje, com falta de conversa, cada um muito duro do seu lado, não querendo discutir. Temos que tentar encontrar pontos em comum e saídas coletivas. Temos que ter, quanto mais diálogo melhor, para tentarmos encontrar saídas.

Então, por favor, Regina, Felipe e Anderson, dois minutos para cada um, pode ser? Com a palavra a Sra. Regina.

**A SRA. MARIA REGINA GRILLI** – Vou falar rapidinho, uma questão pontual: O Peixe falou que sempre foi aberto ao diálogo. Não, nunca. Desde quando a construtora foi fazer os primeiros contatos no terreno, sempre pedimos um horário para poder falar, e nunca. Nunca. Só apareceram agora, porque entramos no MP e fez todo esse barulho, porque senão,

nunca conseguimos falar com a Cohab. Há um funcionário na Cohab, uma pessoa bastante agressiva. É algo bem complicado.

Outra questão: Rubens querido, quantas vezes, desde quando você chegou na Sub, o convidamos para conhecer o espaço da Horta - sei que sua vida é corrida - e você nunca pôde. Tenho certeza de que você ficaria impactado, como ficou a Vereadora Edir Sales, que foi há pouco na Horta, ficou muito impactada. Sentiu-se sensibilizada e queria levar isso ao Prefeito Ricardo Nunes, para ir conhecer o espaço da Horta.

Uma coisa, realmente, que o pessoal colocou que é contraditório: você me falou que a Sub está precisando de um espaço de parques e praças. Sei que o nosso espaço não tem uma medida para ser um parque, mas ele já é uma praça consolidada. Está lá há 17 anos e tem um histórico, não só de praça, como histórico de horta urbana, que tem apoio ao Sr. Prefeito Ricardo Nunes, é uma das principais hortas urbanas de São Paulo. O histórico que tem lá, com a Horta das Flores, nós ganhamos o selo do Sampa+Rural. Estamos no Ligue os Pontos. Temos o selo como uma Horta de referência, uma Horta de referência de educação ambiental, que passa esse desejo para as pessoas.

Então acredito ser um problema de comunicação entre as secretarias, o Poder Público e a comunidade. Falta muito disso para chegarmos lá.

Outra questão: O terreno que a Cohab tem no Carrão, é ao lado do Metrô Carrão, com a mesma área da Horta das Flores, enfim.

Obrigada!

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** - Obrigado, Regina.

**(NÃO IDENTIFICADO)** - Sr. Presidente, pela ordem. O terreno é menor, lá. O coeficiente de aproveitamento...

**A SRA. MARIA REGINA GRILLI** – Então, é maior que 40%, do que vocês vão querer construir ali. O nosso terreno tem 6.800 m<sup>2</sup>, lá tem cinco mil e pouco. O que vocês vão deixar de área verde, o que vocês vão construir vai dar mesmo...

É só uma questão de diálogo.

**O SR. ANDERSON VALENÇA FRANÇA** – Eu posso apenas finalizar minha participação, agradecer a todos. O diálogo aqui, realmente, houve. E dizer o seguinte: desenvolvimento urbano e meio ambiente são laços indissolúveis.

O maior problema ambiental ecológico do mundo hoje se chama (ininteligível). Esse é o maior problema de todos. É bom salientar também que a última lei ambiental sancionada foi em fevereiro de 2020, pelo saudoso Prefeito Bruno Covas. Ninguém está aqui com clima de beligerância, não. Estamos preocupados com o conjunto de tudo. E o conjunto arbóreo, uma preocupação, quando falo de manejo e remanejamento, não só de conjunto arbóreo, como de animais, que há impacto sim. Mais ou menos, guardada a analogia, é um transplante. Quando se faz um transplante de coração, a pessoa realmente vai viver, mas o impacto tem um risco.

Sabemos que o manejo bioético, uma árvore quando sai do lugar, ela é replantada, precisa ter todo o cuidado específico em termos de solo compatível com a flora e a fauna também, que é remanejada. Isso acontece. Eu, como jornalista, já presenciei na região Leste da cidade, houve remanejamento de árvores que foi replantado em outro lugar, numa área parecida com o Parque da Mooca, e todas as árvores morreram.

Por isso gostaria de saber para onde vai a Horta das Flores. Se isso é sigiloso, mas já estudo desse solo? Se esse solo é compatível com o conjunto arbóreo da Horta das Flores? São preocupações, acredito, que nós temos que ter, dos dois lados. Ninguém está querendo aqui ser Talibã, ser xiita. Vou novamente resumir: meio ambiente, desenvolvimento urbano, sustentabilidade e sobrevivência estão no mesmo arcabouço. Não podemos nos esquecer disso.

Um beijo para todos. Fiquem na paz de São Francisco de Assis.

Subprefeito José Rubens Guimarães, não o conheço pessoalmente, mas tenho referências suas por pessoas que o conhecem e dizem que o senhor é aberto ao diálogo. O senhor já foi Subprefeito da Cidade Ademar e o seu trabalho lá foi muito bom.

Então, eu quero só deixar bem claro que estamos preocupados, não só com o conjunto arbóreo, mas o conjunto da nossa sobrevivência, de todos nós. Não tem dois times,

não tem Corinthians e São Paulo ou Corinthians e Palmeiras, estamos pensando no bem comum maior de todos nós. É vida, e o ser humano faz parte do reino animal. A gente não pode esquecer disso, o ser humano não é maior que o reino animal, vegetal e mineral. Ele não é maior que tudo isso não, ele faz parte disso. Beijo para todos.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Obrigado. O último é o Sr. Felipe Pinheiro Oliveira.

**O SR. FELIPE PINHEIRO OLIVEIRA** – Vereador, obrigado. Nós somos aqueles que defendem a democracia e as suas instituições. Vencer eleições não é passe livre para sair destruindo área verde e passar o trator onde bem entende. Vencer eleições, inclusive sem dizer claramente, vir à Mooca, subir a Rua dos Trilhos, a Rua da Mooca, a Rua Juventus e defender que vai destruir a Horta das Flores é uma coisa, dizer que vai construir moradia é outra.

Nós não temos de agradecer o subprefeito ou a Prefeitura - para não ficar pessoalizado - de que ao destruir 40% da vegetação ainda termos de agradecer por isso, me desculpe se para ele isso é espantoso, mas nós não nos sentimos nessa obrigação.

Então, a fala do Subprefeito também é bastante sintomática, porque ele diz assim: “ah, estão falando que não tem estudo, mas o que é isso, está todo mundo junto”. Ele está dizendo que não tem estudo viário, não tem um estudo ambiental, não tem um estudo de impacto social, um estudo sobre o impacto sobre os aparelhos públicos. Como é que vão colocar 300 famílias naquele lugar? Então, quando a gente fala e apela para a questão sentimental “ah, porque as pessoas precisam de moradia”, nós sabemos disso, mas qual é a qualidade de moradia que estão ofertando? Estão colocando moradia para entregar número para a ONU? Isso basta? Eu acho que não, acho que isso não é política pública. Isso é política eleitoral.

Volto a frisar, para encerrar a minha fala, que é muito importante que o Ministério Público se atente a esses fatos. Nós estamos falando da autorização da construção de 300 moradias sem qualquer estudo, e estou falando de questões técnicas, não estou falando da

questão política. Eu estou falando de questão técnica, de impacto urbanístico, entre outros impactos naquele entorno. Isso porque essa audiência pública se restringe à construção da Horta das Flores, eu nem estou falando da feira confinada da Rua dos Trilhos, que é um negócio, em termos urbanísticos, mais bizarro ainda.

Então, era essa a minha fala. Agradeço a oportunidade de reforçar o nosso questionamento com relação às questões técnicas que envolvem essa obra.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Obrigado, Felipe. O Subprefeito ergueu a mão novamente. Gente, eu vou passar a palavra ao Subprefeito, mas estou com medo de que outras pessoas peçam a palavra, como se fosse um rebate. Ouvi as opiniões e as posições são bem delimitadas e em algumas questões estou percebendo que não haverá consenso.

Mas, acredito que como fiz a proposta ao Presidente da Cohab, que a aceitou, de pegarmos um grupo menor e irmos ver esse projeto para de repente dialogarmos e encontrarmos soluções como grupo de trabalho. Às vezes um grupo de trabalho pode dar um resultado mais eficiente.

Agora, ao criamos uma animosidade tenho medo de que o diálogo possa se estancar. Estou tentando – sei que tem um conflito dado – mas eu sou a pessoa da conversa e do diálogo para acharmos soluções. Vou tentar caminhar para isso. Vou, então, dar a palavra ao Subprefeito...

**O SR. JOSÉ LUIZ FAZZIO** – Vereador, pela ordem, rapidinho. Primeiro, quero parabenizar muito a sua postura. Parabéns, mesmo, muito obrigado. Vamos ter a oportunidade de mostrar todos os estudos e os projetos para todo mundo.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Então, Subprefeito, por favor, dois minutos.

**O SR. JOSÉ RUBENS DOMINGUES FILHO** – Obrigado, Presidente. Só quero falar para o Felipe, em especial, eu não falei em momento nenhum que o projeto não tem estudo, acho que ele confundiu as falas, pois em momento algum eu falei isso.

Presidente, só uma pequena correção na sua fala, com toda vênica e respeito, o nosso Governo ouve sim e está aberto ao consenso sim, estamos aqui discutindo justamente para isso. Quer dizer, gostei da ideia do Alex, estou à disposição também para compor esse grupo de trabalho. Já falei no meu começo de fala que estamos buscando – estou há quatro meses só na subprefeitura – outras áreas, não só para a Horta das Flores, mas para outras ações ambientais e continuamos à disposição.

Regina, prazer em conhecê-la, já fui sim na Horta das Flores. Não fui com você, a área é pública, a gente anda todo dia no bairro e já fomos lá. Somos sensíveis à causa e estamos sim, Presidente, buscando um meio termo, está bom?

Abraço a todos, estamos juntos, contem conosco.

**O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli)** – Gente, obrigado. Como acordado aqui é a última fala, o nosso gabinete vai entrar em contato com o Presidente da Cohab para marcarmos logo essa reunião para vermos esse projeto e os estudos apontados que foram falados na audiência pública. Tentaremos dar um encaminhamento, acho que é possível entrarmos num bom senso e encontrarmos um encaminhamento possível para todos e todas.

Não havendo mais nada a declarar, encerro essa audiência pública. Muito obrigado a todos e todas.